



Casos e Contos

Viagem por um Brasil solidário

Volume 2

Prefácio de Celso Antunes

Parceiros

Ministério
da Educação



Este material pode ser reproduzido com a
prévia autorização do Instituto Faça Parte.

Casos e Contos - Viagem por um Brasil Solidário
Volume 2

Realização e coordenação

Instituto Faça Parte

Prefácio

Celso Antunes

Produção

Andréa Martini Pineda

Katia Gonçalves Mori

Luiza Marcondes

Maria Lucia Meirelles Reis

Marcelo Vaz

Paulo de Camargo

Projeto gráfico

Qualis Comunicação

Ilustrações

TV PinGuim

Instituto Faça Parte
Av. Paulista, 1.294, 19º andar
Tel. (11) 3266-5477
www.facaparte.org.br

São Paulo, 2006

Índice

Introdução	4
Prefácio	7
Voluntariado da escola para a comunidade	9
Voluntariado da escola para a escola	39
Parcerias no voluntariado educativo	55
Índice por cidade e escola	72

Introdução

Este livro é um retrato de sonhos de educadores e educandos espalhados por um Brasil de comunidades, cidades e metrópoles – sonhos aos quais se soma, desde 2001, o do Instituto Faça Parte: promover a cultura do voluntariado e a participação da juventude na construção de uma nação socialmente mais justa.

Para realizar seu sonho, o Instituto Faça Parte promove o voluntariado educativo, uma ferramenta que complementa o processo de formação intelectual, física e emocional dos estudantes e que se traduz em projetos sociais realizados na comunidade e com ênfase na aprendizagem de conteúdos curriculares.

O trabalho do Instituto Faça Parte se desdobra junto às escolas de ensino básico, na busca pelo envolvimento de professores e alunos em ações que contribuam para a melhoria da educação e para a integração com as comunidades. Toda instituição de ensino pode ser espaço de convivência e participação inclusivas e socialmente responsáveis.

Entre as ações do Instituto Faça Parte, a maior é o Selo Escola Solidária, que reconhece iniciativas de voluntariado educativo nas escolas brasileiras. Em sua primeira edição, realizada em 2003, receberam o Selo 8.766 escolas de todo o Brasil que relataram suas atividades e preocupações sociais.

Esse material gerou o primeiro volume do livro *Casos e Contos*, parte fundamental de um círculo virtuoso de três etapas: **identificação e reconhecimento** de práticas de voluntariado educativo por meio do Selo Escola Solidária, **divulgação** de experiências exemplares por publicações e pela mídia, e **realização** de mais e melhores ações nas e pelas comunidades escolares.

Ao completar sua primeira volta, o círculo virtuoso mostrou resultado: na segunda edição do Selo Escola Solidária, em 2005, foram certificadas 12.873 escolas, distribuídas conforme o mapa da página 6. O crescimento da conscientização sobre o voluntariado educativo e seu amadurecimento motivaram o Instituto Faça Parte a dar um novo passo: analisar não apenas os relatos de ação voluntária mas também os projetos – dos mais consistentes entre estes foram selecionadas as histórias publicadas neste livro.

Com isso, o Instituto Faça Parte busca difundir uma visão estruturada e transformadora do voluntariado educativo, compreendido como uma prática que permite a adequação e a contextualização dos saberes escolares por meio do desenvolvimento de projetos socioeducativos. O voluntariado educativo propicia a vivência de valores como cidadania e solidariedade, sem deslocar a escola de sua principal função: ser um espaço formal de educação, que prepara o aluno para a vida e para o trabalho.

Dentro da escola, o voluntariado educativo pode acontecer de duas maneiras. No caso de os alunos serem os próprios voluntários, eles participam de projetos socioeducativos, com a orientação do professor. Por meio da participação em projetos de intervenção social ou ambiental, o professor pode articular conteúdos curriculares a problemas reais, propiciando aos alunos um momento de intervenção social, de colocar em prática seu repertório teórico, suas habilidades sociais e suas competências pessoais.

Quando os voluntários vêm da comunidade, a idéia central é que eles possam contribuir para melhorar a qualidade da educação oferecida pela escola, numa concepção de comunidade educativa, sem querer substituir o papel de um funcionário, ou até mesmo de um professor. É uma maneira de conhecer a escola de perto para saber como atuar, para inclusive saber cobrar do Estado o que é dever do Estado. É uma participação

que deve ser discutida com a comunidade escolar e deve estar de acordo com o projeto político-pedagógico da escola. Nesse sentido, são inúmeras as possibilidades de participação em projetos na escola.

Nesta publicação, reflete-se o movimento ascendente do voluntariado educativo e mostra-se o avanço no sentido de fazer da escola um pólo de transformação pela ação e pelo conhecimento. Destinada a qualquer pessoa que se interesse por educação e, especialmente, a gestores escolares, estes *Casos e Contos* abrem caminho para novas idéias e novos projetos de voluntariado educativo bem desenhados, com diagnósticos claros, processos avaliativos internos e intencionalidade pedagógica – traços que os projetos aqui publicados têm em comum.

Alguns critérios foram utilizados para a seleção dos projetos aqui reunidos: em primeiro lugar, a estruturação dentro de princípios que mostrem sua consistência – o planejamento, o entrelaçamento de objetivos pedagógicos e sociais, a avaliação de resultados e o envolvimento da comunidade, da iniciativa privada e do poder público. A experiência mostra que, quanto mais bem estruturado está o projeto de voluntariado educativo e mais integrado ao projeto político-pedagógico da escola, melhores são os resultados sociais e educacionais.

Mas não se trata de uma coletânea simples dos melhores projetos. O livro é também representativo conforme critérios regionais, ou seja, representa os Estados do Brasil e as redes de ensino em proporção semelhante à das escolas certificadas pelo Selo Escola Solidária 2005.

O Selo Escola Solidária 2005 recebeu projetos de todos os Estados e do Distrito Federal, de escolas públicas e particulares situadas em regiões urbanas e rurais, em áreas desenvolvidas e em locais de carência – o que mostra como o voluntariado educativo é democrático e abrangente.

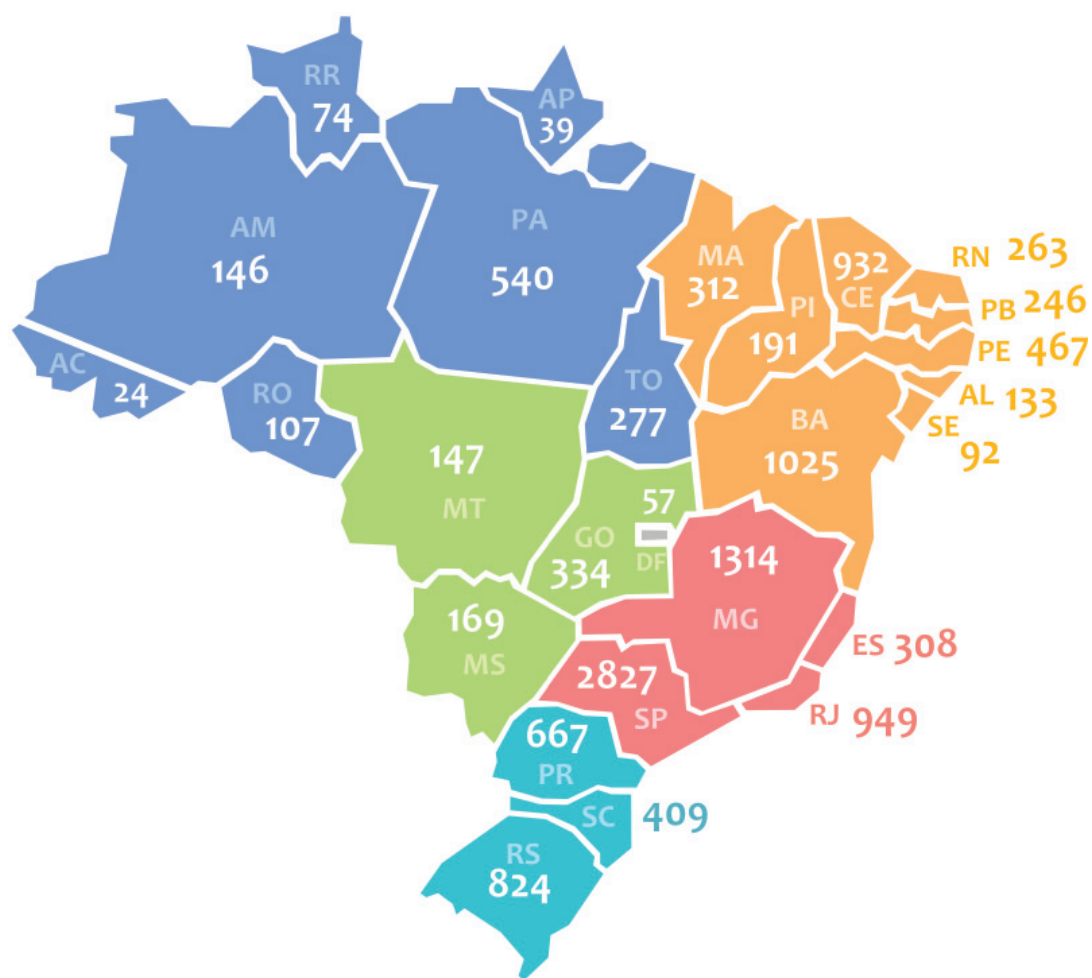
Destaca-se a importância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, segundo a qual a educação, papel do Estado e da família, deve se inspirar em ideais de solidariedade, visando ao pleno desenvolvimento do educando, ao seu preparo para o exercício da cidadania e à sua qualificação para o trabalho – noções caras ao voluntariado educativo.

O voluntariado educativo mantém sintonia, também, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na medida em que promove a cidadania na forma de participação social, de exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, e de atitudes de solidariedade, cooperação e respeito.

Para o Instituto Faça Parte, seria impossível realizar ações de abrangência nacional sem as parcerias estabelecidas tanto na esfera pública como na particular. O apoio recebido pelos parceiros destacados na contracapa desta publicação mostra a solidez de um projeto fundado na união, na soma, na co-responsabilidade por um destino compartilhado.

Agora é hora de passar para o principal, as histórias de voluntariado educativo destes *Casos e Contos*. O Instituto Faça Parte espera que, como nas *Mil e Uma Noites*, também aqui cada uma das emocionantes narrativas envolva os leitores e seja o princípio de outra – a sua história, a história daqueles que não se conformam e partem, numa jornada solidária, para mudar a si mesmos e ao mundo.

Número de escolas que receberam o Selo Escola Solidária 2005



Prefácio

O mundo não seria o mesmo se não tivessem existido pessoas extraordinárias.

Gênios admiráveis na ciência e na arte mudaram o rumo das coisas e, com suas obras e pensamentos, nos fizeram sentir maior paixão pela vida, mais intenso orgulho pelos homens. Como seria viver o início deste temeroso século XXI sem a suavidade da música de Mozart, sem o enlevo que nos traz a poesia de Fernando Pessoa, sem o exemplo magnífico que se espelha nas novelas de Shakespeare? Além deles, o mundo também caminha amparado pela segurança das invenções da ciência, pela modernidade com que a tecnologia nos sugere o amanhã.

Na ampla diversidade de ações com que é possível apresentar-se a condição de ser extraordinário está a genialidade de alguns educadores. Grandes educadores marcaram seu tempo e nos indicaram novos caminhos com a mesma propriedade e segurança com que deram sua contribuição cientistas, músicos, poetas e gênios da tecnologia. Porque existiram, puderam mostrar melhores caminhos para refletir a aprendizagem e, dessa forma, garantir que a genialidade de ontem não pudesse se perder nos desafios do amanhã. Não se poderia assegurar a certeza de que jamais retrocederíamos se não fossem os grandes educadores e a convicção de que, ensinando-nos a ensinar, garante-nos a perpetuidade de tudo de bom que a humanidade já aprendeu.

A obra dos gênios extraordinários, entretanto, manifesta-se com mais freqüência do que nos sugere uma visita a museus, uma incursão a bibliotecas. Não poucas vezes, oculto nesta ou naquela esquina de uma grande cidade ou cercado pela imensidão solitária dos campos e florestas, nascem pessoas comuns com talento incomum que parecem materializar em suas ações a música do gênio, o pensamento do filósofo, a ação do especialista. Basta sair à cata dessas pessoas, que aqui e ali as encontramos. Quantas vezes um estranho Einstein não se oculta em um singelo mecânico? Quantas vezes não se descobrem nos olhos assustados daquela criança pobre o sonho de Beethoven, os anseios de Dante? Não fosse verdadeira essa constatação, não se encontrariam no Brasil criaturas admiráveis, como foram Jorge Amado, Di Cavalcanti, Pixinguinha e outros, muitos outros.

É por acreditar na materialização dessa genialidade em ações comuns que decidi, tempos atrás, sair pelo Brasil em busca dos grandes educadores, tentando perceber nesta ou naquela escola, em uma ou em outra aula, a certeza de Piaget, o experimento de Freinet, a ousadia de Montessori, os sonhos poéticos desse genial Vygotsky. Encontrá-los não foi difícil, como eu imaginava.

Um dia, em uma escola multisseriada do interior gaúcho, aonde não se chegava senão por estrada de chão, descobri ministrando sua aula ninguém menos que Célestin Freinet. Curiosamente, o francês Freinet já havia morrido há anos, mas nos gestos, na ação, na vontade de desafiar, na ousadia de propor, ali estava ele, íntegro, completo, inteiro, sem nem mesmo desconfiar que incorporara a seu jeito as lições admiráveis desse genial educador. Alentado pelo auspício dessa descoberta, continuei procurando.

Tempos depois, quem diria? Preta, grávida, sorridente e enorme, lá estava escorregando pelas estradas do morro ninguém menos que Maria Montessori. Após vê-la trabalhar, chamei-a para uma conversa. Nunca tinha ouvido falar da médica e educadora italiana que desafiara a educação de seu

tempo, mas, tal como ela, despertava com muito jeito a criatividade de suas crianças, ensinando-lhes os segredos do tato, as aventuras do paladar, os mistérios do olfato.

Não na Bahia, como era de se esperar, mas ensinando alunos ribeirinhos no Pará, topei com Anysio Teixeira e, mais tarde, nas aventuras dessas gostosas andanças, cruzei com Piaget, tomei cerveja com Dewey e, imagine, à sombra de uma mangueira, até com Paulo Freire conversei, muitos anos depois de o educador ter virado estátua em Estocolmo.

Hoje, quando penso nesse Brasil tão grande, nessa necessidade tão ampla e tão diversificada de educação, sinto que grandes educadores são, mais do que nunca, imprescindíveis e que, mesmo tendo partido, são essenciais pelos exemplos que nos deixaram, pelos modelos que, muitas vezes sem perceber, aqui e ali se incorporam.

O livro que você tem em mãos é mais do que uma síntese de realizações possíveis e admiráveis. A obra constitui trajeto biográfico e poético por realizações de uma educação ousada, mas possível – por um trabalho nem sempre fácil e reconhecido, mas absolutamente imprescindível. Descubra, em suas linhas, quantas obras maravilhosas se ocultam na prosaica realização de uma grande educação. O fio condutor dos casos que aqui se relatam é a idéia central da solidariedade, da cooperação, do protagonismo, da voluntariedade que chama para uma mesma ação vontades diferentes e experiências incomuns, unidas pela certeza de que, enquanto houver identidade nas intenções, não importa a dispersão dos espaços.

O mundo não seria o mesmo se não tivessem existido pessoas extraordinárias.

Celso Antunes

Bacharel e licenciado em geografia pela Universidade de São Paulo, mestre em ciências humanas e especialista em inteligência e cognição, reconhecido pela Unesco, autor de cerca de 180 livros e voluntário do Instituto Faça Parte

Voluntariado da escola para a comunidade

Este tipo de trabalho voluntário está pautado na aprendizagem contextualizada de conteúdos curriculares a partir do envolvimento dos alunos em projetos sociais.

Considerando-se a proposta de construir projetos a partir da identificação de alguma necessidade, é natural que crianças e adolescentes tragam problemas vividos por si, pelos pais, pelos vizinhos ou até mesmo situações incômodas que não afetam diretamente uma pessoa, mas, por exemplo, a natureza que os cerca.

Tais projetos são bastante eficazes para dar significado aos conteúdos curriculares e à vivência de valores. Se articulados à proposta pedagógica da escola, os projetos de voluntariado educativo complementam o trabalho em sala de aula, trazendo elementos enriquecedores para o tratamento de temas transversais, enquanto o aluno aprende a ser mais crítico, construtivo, criativo e solidário.

Incluem-se nessa categoria, por exemplo, projetos de coleta seletiva de lixo, de conscientização da população sobre a importância de alimentar-se de modo balanceado, de acompanhamento de creches, asilos e outras instituições, de recuperação de praças, de monitoramento ambiental... enfim, a lista é longa e sempre cabe mais um.

É de perto que se entende

Férias de julho não são sinônimo de descanso para um grupo do Colégio Marista Dom Silvério, de Belo Horizonte (MG). Todo ano, 40 alunos de ensino médio e EJA (educação de jovens e adultos), além de 10 professores, participam do desenvolvimento do projeto “Missão de solidariedade”, em parceria com outras escolas maristas no norte do Estado.

Cidade Belo Horizonte (MG)

Nome da escola Colégio Marista Dom Silvério

Rede Particular

Projeto Missão de solidariedade

Palavras-chave férias; semi-árido; água

Ponto forte a imersão em uma comunidade diferente permite que os participantes tenham uma compreensão precisa da realidade

São dez dias de imersão na realidade de comunidades do semi-árido, durante os quais são trabalhadas questões relacionadas a saúde, higiene, alimentação alternativa, espiritualidade e fortalecimento da cultura local.

No retorno às aulas, os alunos e educadores participantes levam à escola as demandas das comunidades e suas constatações, que resultam em projetos para serem realizados durante as aulas do segundo semestre. Em 2004, por exemplo, o resultado foi o projeto “Cisternas para o semi-árido”, desenvolvido pelos alunos

da 6ª série e envolvendo toda a escola.

Para que em cada ano aconteça um fortalecimento da experiência anterior, e não simplesmente uma nova experiência, há pessoas em contato permanente com o projeto. Segundo a escola, alunos e educadores se transformam depois dessa experiência de convivência, pois vivem a vida na comunidade como se a ela pertencessem.



Vovô digital

Quem pensa que o mundo da informática está intimamente ligado apenas ao universo juvenil se engana. Em consonância com o Estatuto do Idoso, que prevê a volta da terceira idade ao ambiente escolar, a escola Pedro Chaves dos Santos, de Campo Grande (MS), mais conhecida como Mace (Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino) desenvolve desde 2001 o projeto “Integrando gerações: informática na terceira idade”, envolvendo alunos da escola e um público que tem entre 65 e 81 anos.

Cidade Campo Grande (MS)

Nome da escola Pedro Chaves dos Santos

Rede Particular

Projeto Integrando gerações: informática na terceira idade

Palavras-chave inclusão digital; terceira idade; cidadania

Ponto forte valorização dos saberes dos alunos e prestação de serviço à população idosa; reconhecimento e comemoração

Como o nome indica, o projeto prevê a inclusão de pessoas da terceira idade no mundo digital. A idéia veio de um evento realizado no Centro de Convivência do Idoso João Nogueira Vieira (CCI), no qual estava presente a diretora pedagógica da Mace. Em conversa sobre voluntariado com as assistentes sociais do centro, ela propôs a elaboração de um programa de atendimento junto às coordenações para que o idoso desenvolvesse atividades diversas e pudesse se integrar aos avanços tecnológicos.

O professor de informática logo pensou no projeto e convidou alunos da 5ª à 8ª para serem monitores no laboratório de informática. Até agora, cerca de 200 idos

os do município já foram capacitados. Há dois grupos: Básico, com conhecimentos introdutórios, e Sênior, para quem já tem uma base. Os alunos recebem certificados em cerimônia aberta às famílias, aos integrantes do CCI e aos demais estudantes do colégio.

A cada ano mais estudantes e idosos se interessam pelo projeto. “Oferecemos 50 vagas e temos fila de espera”, conta o professor. A procura motivou novos cursos. Em 2001, eram apenas aulas de informática. Atualmente também há aulas de espanhol, hidroginástica, oficina de texto e grupos de vivência (psicologia).

Mas a informática continua sendo o carro-chefe e vem transformando a vida dos idosos. Se antes eles pediam para filhos e netos resolverem questões simples, como consultar o saldo bancário, agora acessam suas contas com facilidade, navegam na internet, trocam e-mails e escrevem textos. O computador passou a fazer parte da rotina deles.

O projeto recebeu reconhecimento nacional. Em 2004, foi premiado no concurso Banco Real Talentos da Maturidade. Em 2005, foi um dos vencedores do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, como a melhor tecnologia social do Centro-Oeste.

Luz, câmera, integração

A estratégia para integrar a comunidade à escola Padre Antônio de Oliveira Godinho, em Carapicuíba (SP), é o entretenimento – mais especificamente o cinema. Trata-se do “Cine Godinho”, projeto que, nos fins de semana, reúne estudantes e familiares, para que os pais de alunos assistam às sessões com seus filhos e possam perceber a escola como um espaço de acesso à cultura e exercício da cidadania.

Cidade Carapicuíba (SP)

Nome da escola Padre Antônio de Oliveira Godinho

Rede Estadual

Projeto Cine Godinho

Palavras-chave cinema; palestra; comunidade

Ponto forte o fato de o cinema ser instrumento para difundir conhecimento e aproximar comunidade e escola

O projeto envolve o grêmio estudantil e Associação de Pais e Mestres na locação das fitas e na divulgação externa. Mas o “Cine Godinho” não se encerra na simples exibição, pois inclui uma palestra curta sobre o tema do filme, oferecendo conhecimento, além de diversão. As palestras são realizadas por convidados ou pela equipe do programa. O projeto, previsto para 18 meses, recebe em média 50 pessoas por sessão. Com a iniciativa a escola pretende alcançar 7.800 pessoas.

O grupo de trabalho compreende gestores da educação, educadores e universitários. O gestor é responsável por sensibilizar o corpo docente da escola para o projeto e mobilizar o grêmio estudantil, a Associação de Pais e Mestres e o grupo de capoeira Guerreiro da Paz, para apoio temático. O educador profissional acompanha e supervisiona a atividade. Já os universitários voluntários realizam as palestras complementares aos filmes exibidos.

Contra a solidão, a solidariedade

Do estudo à realidade – nua e crua. Esse percurso certamente foi maior do que os seis quilômetros caminhados pelos alunos da Escola Agrotécnica Federal de Ceres (GO), entre a escola e o abrigo de menores Lar Espírita Sabrina Ribeiro.

Cidade Ceres (GO)

Nome da escola Escola Agrotécnica Federal de Ceres

Rede Federal

Projeto Mão amiga

Palavras-chave organização social; atividades lúdicas; solidariedade

Ponto forte trabalho de sensibilização em que os estudantes despertam para a participação social

Foi com o espírito de quem tenta minimizar os problemas gerados pela exclusão social que começou o projeto “Mão amiga”, na disciplina de sociologia, com alunos do ensino médio que estudavam a estratificação social. Após essa visita ao abrigo de menores, criou-se um vínculo que não foi mais desatado.

Depois de dois anos, a escola disponibilizou um espaço interno para as atividades. Agora, os 23 internos de 3 a 12 anos de idade são levados à escola duas vezes por semana. Ao promover atividades lúdicas e educativas, o projeto proporciona melhoria da qualidade de vida das crianças e, ao mesmo tempo, é uma oportunidade de socialização para os

alunos da escola, que funciona em regime de internato. Muitos deles vêm de outros Estados e ficam até três anos sem ver a família.

Na escola há também um centro de equoterapia (equitação terapêutica) para o atendimento de pessoas com deficiência física e mental. Quando não há pacientes, os participantes do “Mão amiga” aproveitam os cavalos em atividades de recreação. “Jovens e crianças montam, e os educandos conduzem o animal. É uma experiência enriquecedora para todos”, diz o professor de educação física, autor do projeto.

O projeto se firmou e ganhou novos horizontes. O próximo passo é a parceria com uma organização social que vai capacitar os estudantes para que sejam professores de alfabetização e monitores de cursos de artesanato.

Ecologicamente responsável

Um dos principais resultados da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92) foi a Agenda 21, um plano de ações em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente, para ser adotado por organizações do sistema das Nações Unidas, pelos governos e pela sociedade civil.

Cidade Cordilheira Alta (SC)

Nome da escola Cordilheira Alta

Rede Estadual

Projeto Agenda 21 escolar

Palavras-chave Agenda 21; conscientização; meio ambiente

Ponto forte a escola mantém viva a Eco-92, na forma de compromisso educacional

A Escola de Educação Básica Cordilheira Alta compreendeu o recado. Atualmente, um importante projeto ali realizado é a “Agenda 21 escolar”, que vem sendo desenvolvido com o intuito de conscientizar alunos, pais e comunidade em geral da necessidade e responsabilidade de todos em relação ao meio ambiente.

Com o objetivo de proporcionar meios que venham a desenvolver o hábito pelo estudo e o conhecimento, várias ações são realizadas, como horta escolar, coleta, separação e reciclagem de papel e oficinas temáticas com monitores voluntários. Professores, pais, lideranças da comunidade ou alunos que têm aptidão para determinado projeto e tempo disponível se dispõem a repassá-las, sempre com a coordenação de um ou mais professores.

Verifica-se, como resultado, um envolvimento cada vez maior dos alunos e da comunidade em geral. O acompanhamento dos pais aos filhos na escola ganhou sentido, tornando visível o envolvimento dos alunos na vida escolar e nas atividades desenvolvidas na instituição de ensino ou na comunidade.



Duas faces da mesma moeda

O projeto “Cursos de capacitação profissional”, realizado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Cornélio Procópio (PR), que recentemente passou a se chamar Universidade Tecnológica Federal do Paraná, mostra que o trabalho voluntário leva o aluno a desenvolver o sentido de responsabilidade social. Mais do que isso, demonstra que aprender e ensinar são duas faces inseparáveis da mesma moeda.

Cidade Cornélio Procópio (PR)

Nome da escola Centro Federal de Educação Tecnológica

Rede Federal

Projeto Cursos de capacitação profissional

Palavras-chave inclusão social; conhecimento técnico

Ponto forte alunos de cursos técnicos reforçam o conhecimento adquirido ao compartilhá-lo com outros jovens; entrega de certificados aos voluntários envolvidos

O projeto oferece, para crianças e jovens de poucos recursos, capacitação em áreas em que a instituição atua. Em pouco mais de um ano, foram atendidas mais de 200 crianças vindas de várias organizações e projetos sociais.

De início, os alunos escolhem o que podem e querem ensinar. Depois, elaboram um cronograma com os horários disponíveis e selecionam material didático. Verifica-se, então, a disponibilidade de salas nos horários escolhidos. Em seguida, o material didático é impresso e são escolhidos os alunos que darão os cursos.

Recebem certificados tanto os alunos voluntários como os participantes dos cursos, desde que tenham frequência mínima de 75%. Os cursos têm, em média, de 30 a 40 horas-aula. Para garantir a qualidade do projeto, a coordenadora da Assessoria de Ações Acadêmicas e Projetos Sociais faz um acompanhamento pedagógico e disciplinar.

Já são oferecidos os cursos de mecânica básica, desenho técnico, informática básica, informática intermediária, Front Page, Linux, internet, desenvolvimento pessoal e matemática básica. O próximo passo é ampliar a oferta de cursos também para deficientes auditivos.

Com o projeto, a instituição busca oferecer um espaço privilegiado para a criação de hábitos e atitudes educativas, orientando sobre a postura profissional. Para os alunos da instituição, há muitos retornos diferentes: aprendem mais, desenvolvem seus conhecimentos e os sistematizam – passo necessário para quem quer ensinar. E se sentem gratificados vendo o sucesso do público atendido, que freqüentemente consegue colocação no mercado de trabalho após a capacitação recebida.

Empresa Social

Em 1994, surgiram as primeiras unidades da Sebrae Escola Técnica de Formação Gerencial. Hoje a escola está presente em 20 cidades mineiras. A maior preocupação naquela época era o comprometimento empresarial e a preparação para o trabalho. Ao longo dos anos, essas competências passaram a dividir espaço com mais uma, tão importante quanto as demais: a responsabilidade social.

Cidade Coronel Fabriciano (MG)

Nome da escola Sebrae Escola Técnica de Formação Gerencial

Rede Particular

Projeto Cidadania

Palavras-chave responsabilidade social; empreendedorismo

Ponto forte integrar na grade curricular um módulo social, pelo qual os alunos planejam e executam ações solidárias

“Muitas empresas valorizam, em seus processos seletivos, candidatos que tenham experiência na área social, pois é uma prova de que não se preocupam apenas com capital, mas com o ser humano, e de que estão dispostos a batalhar por uma causa”, conta a coordenadora pedagógica da escola. Então a instituição inseriu em sua grade uma disciplina que estimulasse esse lado dos alunos.

No primeiro ano do ensino médio, os alunos montam uma “empresa” e fazem todo o planejamento, desde pesquisa de mercado, para saber se o negócio terá futuro, até a implantação das ações. No meio do processo entra o projeto “Cidadania”, no qual os jovens realizam uma ação social, com duração

de um semestre. Nesse período, os alunos pesquisam instituições que precisam de ajuda, visitam os locais, propõem atividades, recebem orientação dos professores, executam as ações e realizam um fechamento.

“Dividimos os alunos em grupos de cinco a oito integrantes. Cada time é uma empresa e, dentro do projeto, cada um ajuda uma instituição. Eles fazem o levantamento, analisam dados, angariam recursos”, diz a coordenadora. Após o projeto, recebem certificado de “aluno cidadão”. O tema de 2005 foi “8 jeitos de mudar o mundo”, a partir de materiais editados pelo Instituto Faça Parte.

Os educandos envolvidos têm de 14 a 16 anos de idade. As ações realizadas, em grande parte, são campanhas e doação de materiais e alimentos e ocorrem em instituições de três cidades: Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo. Apesar de serem ações solidárias isoladas, os jovens aprendem na prática as dificuldades de montar uma empresa e o modo de lidar com problemas.

“Esse é apenas o primeiro passo. Para muitos, é o despertar do lado solidário. Temos estudantes que viraram voluntários depois desse projeto”, diz a coordenadora. Ao final do trabalho há uma apresentação para pais, comunidade e empresários da região. Segundo ela, muitos pais e alunos agradecem essa ação, pois é o primeiro contato que os adolescentes têm com outras realidades e pessoas em situação de vulnerabilidade social.

O que temos de melhor

O acesso à informática ainda é privilégio de poucos no Brasil. Mas, se dependesse dos alunos do Colégio Mário Quintana - Cenicista, essa realidade seria bem diferente. Cerca de 60 crianças carentes da AME (Associação Pró-Menor de Encantado), com idade de 6 a 14 anos, recebem atenção diária de alunos e professores do colégio, em ações do projeto “Semear”. Entre as atividades desenvolvidas, estão aulas de computação, uma vez que quase todas essas crianças e adolescentes nunca haviam tido contato com informática.

Cidade Encantado (RS)

Nome da escola Colégio Mário Quintana - Cenicista

Rede Particular

Projeto Semear

Palavras-chave informática; cidadania; parcerias

Ponto forte os alunos despertam para o voluntariado, e a escola aproxima-se da comunidade

Mas as ações dos voluntários são muito mais abrangentes. “O colégio sempre teve interesse em se abrir para a comunidade, mostrando e oferecendo o que tem de melhor”, diz a diretora do colégio. Quatro vezes por semana, os alunos da AME vão ao Mário Quintana também para terem aulas de voleibol e futsal, com a participação voluntária de alunos e professores. E uma vez por semana realizam, na AME, atividades de recreação e reforço escolar.

Evidentemente, nem tudo transcorre sem contratempos. Às vezes, os alunos sentem na pele como é lidar com problemas de comportamento. Em resposta a essa situação, os alunos passaram a trabalhar também conteúdos de cidadania e bons hábitos e atitudes.

Mediante outra parceria, desta vez com a Secretaria Municipal de Ensino, os alunos vão para comunidades menos favorecidas e realizam oficinas de pintura e capoeira. Alunos da 6ª série do ensino fundamental freqüentam um hospital levando mensagens de esperança, apresentando-se em um coral. Com o ensino médio, realizam-se atividades em diferentes creches municipais, e foi criado um grupo de jovens em um dos bairros atendidos.

Assim, cada série tem uma atividade diferente, que pode ser desde doação de alimentos, roupas e brinquedos até ações ecológicas, como separação de lixo, reciclagem de papel e plantio de hortaliças.

Hoje o projeto inclui também a participação de pais – quando profissionais se oferecem para realizar consultas odontológicas e médicas na comunidade, em unidades móveis. O resultado mais positivo até agora foi a descoberta, por parte dos alunos, da capacidade de criar e interagir, de ser voluntário. E, assim como os alunos, os familiares sabem que, oferecendo o que têm de melhor, também melhoram continuamente.

A alegria de alegrar

Durante as atividades esportivas, a professora de educação física percebeu atitudes e comportamentos que indicavam muitos alunos com baixa auto-estima, falta de perspectiva e constante desrespeito por companheiros e professores.

Cidade Garça (SP)

Nome da escola Hilmar Machado de Oliveira

Rede Estadual

Projeto Jovem, faça alguém feliz

Palavras-chave atividades recreativas; assistência social; ética e cidadania

Ponto forte a ação solidária, externa à escola, promoveu não só a integração entre alunos mas também o sentimento de ética e cidadania

Interessada em lhes propor um caminho que os reconduzisse ao espírito de equipe, em atitudes solidárias e que valorizassem o aprendizado, ela propôs que desenvolvessem atividades recreativas com pessoas em abrigos, asilos e creches.

Os alunos foram a um asilo, em que se prontificaram a ensinar alguns idosos analfabetos a escrever. Antes, pediram ajuda a uma professora de português, que os capacitou para algumas atividades. Missão cumprida. Os idosos conseguiram escrever o primeiro nome. Diante da receptividade dos jovens e a demanda dos atendidos, a professora de educação física indagou os pupilos sobre a possibilidade de transformar

a atividade em um projeto. Então veio o “Criança, faça alguém feliz”, que logo se transformou em “Jovem, faça alguém feliz”.

Daí para a frente, o projeto decolou e passou a contar com a participação de mais professores e alunos. Hoje, são perto de 100 integrantes. “O grupo é flutuante, mas alguns jovens que saíram da escola não abandonaram o projeto”, comenta a professora. As atividades acontecem em horário contrário ao de aulas e envolvem estudantes da 7ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Não são apenas ações isoladas, mas um processo que envolve a preparação dos alunos e o desenvolvimento de atividades em diversas áreas.

O objetivo fundamental do projeto é propiciar situações para que o aluno desenvolva competências e atitudes vinculadas à ética e à cidadania. Consiste, segundo a escola, em traduzir os conhecimentos sobre a pessoa, a sociedade, a economia e práticas sociais e culturais em condutas de indagação, análise, problematização e protagonismo.

O trabalho inclui brincadeiras da cultura popular brasileira: contos e histórias, jogos com regras, confecção de brinquedos de sucata, teatro, música, introdução a língua estrangeira moderna (espanhol e inglês), higiene corporal e bucal, preservação do meio ambiente, preparo do solo, plantio e utilização de ervas medicinais, entre outros.

O projeto representou também a resposta para uma situação que incomodava a educadora cada vez mais: os constantes conflitos e a falta de respeito entre os alunos. Eles mudaram o comportamento e perceberam que há problemas maiores que os deles.

A ação rendeu alguns livros feitos pelos estudantes relatando sua experiência e comparando o antes e o depois do projeto, que estão impressos e disponíveis na escola.

Escola de vida

Na educação moderna, já é voz corrente que não se faz uma escola de qualidade sem estreita participação da comunidade. Esse era o problema vivido pela escola Wagner Ribeiro Macedo, em 1997, quando sua diretoria foi renovada. Havia grandes dificuldades de relacionamento com os pais, e muitas crianças passavam várias horas do dia nas ruas.

Cidade Guaxupé (MG)

Nome da escola Wagner Ribeiro Macedo

Rede Municipal

Projeto O Caic planta educação

Palavras-chave atividades lúdicas; cursos; geração de renda

Ponto forte o convite ao envolvimento fez com que a comunidade escolar atuasse como agente transformador da realidade

Preocupada com a situação, a comunidade escolar decidiu implantar ações que despertassem o interesse dos estudantes. A idéia era fazer que os alunos aprendessem por meio de atividades lúdicas e significativas. Aos poucos surgiram tarefas extracurriculares, como hidroponia e viveiros de mudas. A partir daí a comunidade passou a participar.

Com a adesão do público, foram implantados cursos de piano, teclado, violino, violão, pintura a óleo, futebol, culinária, costura, flauta, tênis, capoeira, patinação, hóquei, inglês, espanhol e informática, todos dirigidos a alunos da 1ª à 4ª série, regularmente matriculados na escola, e também aos pais e outros jovens da comunidade, mesmo que não alunos.

O projeto conta com a parceria do Rotary, do Impaes (Instituto Minidi Pedroso de Arte e Educação Social), do Unibanco e da Prefeitura Municipal de Guaxupé. Os professores são voluntários, e o dinheiro necessário para as atividades vem de eventos realizados na escola, como bazares e feiras de pechinha.

Após o projeto, pais e membros da comunidade passaram a participar mais ativamente das ações realizadas, fortalecendo a integração família-escola. Além disso, muitas famílias aumentaram sua renda, vendendo objetos de arte que aprenderam a fazer participando dos projetos.

Escola sem fronteiras

Em muitos lugares, escolas são como ilhas, isoladas do resto do mundo. Não é o que acontece em Ibotirama (BA), onde, entre outros projetos, alunos do Colégio Estadual Marechal Castelo Branco oferecem monitoria para crianças da escola vizinha.

Cidade Ibotirama (BA)

Nome da escola Marechal Castelo Branco

Rede Estadual

Projeto Jovem voluntário

Palavras-chave monitoria; reforço escolar; palestras e oficinas

Ponto forte a parceria entre escolas foi um meio de criar espaço para o voluntariado educativo

O projeto começou em 2003. No início, eram apenas atividades de recreação realizadas com crianças pequenas. Depois, alunos do 3º e do 4º ano do ensino médio (modalidade Normal) passaram a contribuir com seu tempo e talento, e atualmente organizam reforço escolar para o ensino fundamental, palestras e oficinas nas áreas de saúde, cultura e meio ambiente.

Chamado “Jovem voluntário”, esse projeto é apenas uma das várias realizações dos alunos do colégio e se insere nas atividades da disciplina de sociologia, a partir do diagnóstico das escolas que solicitam ajuda.

As discussões sobre voluntariado, integração comunitária e cidadania começaram na sala de aula, e daí decorreu o planejamento do trabalho, que incluiu a discussão a partir dos materiais produzidos pelo Instituto Faça Parte e a elaboração de projetos específicos, com crianças de rua, idosos, meio ambiente e outros.

Entre os resultados alcançados pelo projeto, percebeu-se a integração entre escola e comunidade, o crescimento do número de alunos atendidos e a melhoria da auto-estima de todos os voluntários, que se vêem capazes de assumir responsabilidades, promover transformações e incentivar o novo.



A luz da solidariedade

Mais do que atenção é segurança que o projeto “Física solidária”, do Colégio Salesiano, de Itajaí (SC), tem levado às comunidades carentes da cidade. Em cada saída, os alunos observam as casas e disseminam informações sobre os cuidados nas instalações elétricas das residências.

Cidade Itajaí (SC)

Nome da escola Colégio Salesiano Itajaí

Rede Particular

Projeto Física solidária

Palavras-chave eletricidade; física; prevenção de acidentes

Ponto forte projeto que demonstra o sentido e a aplicação do conteúdo escolar

Em 2003, quando o colégio foi convidado pela prefeitura a visitar uma área ocupada, num bairro pobre de Itajaí, e depois de ouvir que duas casas foram incendiadas por causa de instalações elétricas malfeitas, o professor de física, também eletricitista, propôs o projeto “Física solidária”. Desde então, estudantes do ensino médio visitam casas desse e de outros bairros, arrumando as instalações elétricas.

Como a participação dos alunos é voluntária, a escola procura incentivá-los oferecendo certificado. Além disso, os participantes recebem uma avaliação diferenciada em física, devido a seu rendimento no projeto.

As atividades têm relação com as aulas sobre eletricidade. Por isso, questões como instalação de disjuntores, associação de resistências e fusíveis estão alinhadas com os objetivos curriculares. Os alunos que participam do projeto trabalham como monitores nas aulas práticas de eletricidade, auxiliando seus colegas e compartilhando o conteúdo adquirido.

Antes da esperada hora do trabalho voluntário, os alunos participam de atividades de laboratório e fazem pesquisas para sanar dúvidas, e há toda uma preparação a respeito de assuntos como o cálculo do consumo mensal de energia de eletrodomésticos. Depois realizam visitas para verificar as necessidades dos moradores.

Sentindo a pouca receptividade inicial dos moradores, os alunos contornaram essa dificuldade levando materiais esportivos. Enquanto um grupo trabalhava recreação com as crianças locais, outro trabalhava a parte elétrica nas casas. Com essa iniciativa, as famílias passaram a esperar o grupo e a recebê-lo melhor. Assim, muitas casas puderam escapar do grande risco causado pelas instalações inadequadas, e os alunos, por sua vez, repartiram o que sabem e iluminaram um pouco mais o mundo.

Qualidade de vida para todos

Dar condições para a formação de alunos protagonistas, capazes de elaborar projetos de futuro consistentes, vivendo em uma sociedade que preza a qualidade de vida, foi o principal objetivo do projeto “Centro de Ensino Literatus – Saúde”, planejado pelo Centro de Assistência ao Desenvolvimento Profissional (CADF), em Manaus (AM). Para atingir essa meta, foram montados em um shopping center, durante dois dias, estandes nos quais 40 alunos dos cursos técnicos do CADF puderam orientar a população sobre hábitos saudáveis.

Cidade Manaus (AM)

Nome da escola Centro de Assistência ao Desenvolvimento da Formação Profissional

Rede Particular

Projeto Centro de Ensino Literatus - Saúde

Palavras-chave hábitos saudáveis; prevenção; serviço

Ponto forte o projeto permitiu a conciliação entre o conhecimento aprendido em aula e uma experiência solidária na área de formação dos alunos

O trabalho pretendia reforçar a consciência de que os estudantes serão profissionais da saúde e poderão aconselhar pessoas, cada um em sua área de atuação – seja nutrição, radiologia, enfermagem, patologia, segurança do trabalho, odontologia ou instrumentação cirúrgica.

Os alunos de enfermagem do trabalho fizeram testes de LER/Dort (lesão por esforço repetitivo), dando dicas de como evitá-la pela ginástica laboral, por exemplo. Para o diagnóstico da diabetes melito, foram realizados testes de glicemia. No estande de nutrição, os alunos apresentaram grupos de alimentos classificados por cores, nutrientes e ação. Com o auxílio de fantoches e figuras relacionadas aos alimentos, crianças foram estimuladas a cultivar hábi-

tos saudáveis de alimentação. No estande de auxiliar de consultório dentário, os estudantes falaram sobre a prevenção da cárie dental e ensinaram, passo a passo, o modo correto de escovar os dentes e usar o fio dental.

A população local ganhou bastante com o projeto. Foram atendidas cerca de 700 pessoas para a verificação da pressão arterial. Cerca de 600 realizaram o teste de glicemia. O resultado foi tão positivo que a escola vai procurar um lugar maior, para que a segunda realização do projeto ganhe novos desdobramentos.

Preservar no presente, investir no futuro

Cenário de grandes belezas naturais, Natal (RN) é conhecida em todo o Brasil por suas praias. Agora poderá também ser lembrada pela iniciativa dos alunos e professores da escola Professora Olda Marinho, que vêm conseguindo limpar a orla e conscientizar a população a respeito de um mal contra o qual não há beleza que resista: a poluição ambiental.

Cidade Natal (RN)

Nome da escola Professora Olda Marinho

Rede Estadual

Projeto A união faz a força

Palavras-chave poluição ambiental, mutirão; coleta de lixo

Ponto forte o trabalho de conscientização não se resume aos alunos e à escola, mas vai à praia e fala diretamente com os freqüentadores

A ação, chamada de “A união faz a força” começou há quatro anos, quando se percebeu que uma praia localizada perto da escola estava suja e abandonada, o que, além de trazer insetos e prejudicar a qualidade de vida, ainda era uma ameaça o ambiente.

Foi uma oportunidade para a escola agir e elaborar um plano de ação que contribuísse para a limpeza e para conscientizar alunos e comunidade. O plano: um mutirão anual de limpeza, durante o qual são entregues panfletos, sacolas e outros materiais pró-preservação ambiental.

Ao mesmo tempo, os voluntários recolhem o lixo e separam o material reciclável. São muitos os envolvidos: pais, alunos, merendeiras, porteiro. A ação tem até um componente musical. A cada ano, os alunos parodiam uma música ou criam uma nova, que é cantada durante o mutirão.

A coleta e a passeata são apenas uma parte desse projeto, que busca estimular os alunos a agir pela preservação do ambiente, como um investimento para o futuro. Afinal, em lugares onde o turismo é uma das principais fontes de renda, é imprescindível que se plante a idéia da sustentabilidade. Natal é uma das capitais mais preservadas do Nordeste, e a comunidade da escola se orgulha de fazer parte dessa conquista.



Educação para a vida

Educação para a cidadania inclui as mais diversas faces da vida em sociedade – entre elas a educação para o trânsito. Foi o que aconteceu na escola Iracema Givoni, de Oriximiná (PA).

Cidade Oriximiná (PA)

Nome da escola Iracema Givoni

Rede Municipal

Projeto Alunos da Iracema Givoni em Ação

Palavras-chave trânsito; orientação; segurança

Ponto forte ao envolver alunos e familiares, o projeto se aprofunda na comunidade, mudando idéias e atitudes relacionadas à condução de veículos

Depois do atropelamento de uma aluna, estudantes e professores perceberam a necessidade de incentivar a educação para o trânsito, mas como parte de um projeto maior, pelo qual a escola fosse um espaço de compreensão e reflexão da realidade, tornando possível a ação dos alunos como sujeitos históricos.

Daí nasceu o projeto “Aiga - Alunos da Iracema Givoni em Ação”, que, em um concurso do Departamento Nacional de Trânsito, conseguiu o primeiro lugar entre as instituições da região Norte e o terceiro lugar nacional, na categoria educador.

O sucesso do projeto está na sua consistência. Depois de selecionar um grupo de alunos e pais, já que o projeto pretende envolver toda a sociedade, esses voluntários recebem um treinamento teórico em um curso de relações humanas e conhecimentos básicos de trânsito, com carga horária de 20 horas.

Em seguida, o grupo recebe um treinamento prático, em um total de cinco horas, que consiste em regras de segurança dos alunos nas proximidades da escola, sobre orientação de pedestres, ciclistas e condutores de veículos motorizados, além da comunidade em geral. Daí em diante, o grupo encontra-se apto para a execução do projeto, atuando diariamente na entrada dos alunos na escola. Existe ainda uma programação de palestras e outras atividades para todo o ano letivo.

Os resultados foram sentidos de imediato: caiu para zero o número de acidentes de trânsito envolvendo os alunos da escola. Os professores ainda perceberam que o projeto provocou melhoria no desempenho escolar, no convívio com os colegas de escola e na auto-estima da comunidade – confirmada pelo evidente aumento de inscrições de novos alunos a cada ano do projeto.

Ler para contar

O povoado de Bonito, em Piaçabuçu (AL), tem cerca de 500 habitantes, os quais vivem da agricultura e da pesca. Essa comunidade litorânea vem sendo palco de uma experiência exemplar de voluntariado educativo – o projeto “Leitura: um momento de interação e diversão”.

Cidade Piaçabuçu (AL)

Nome da escola Coronel Pedro de Goes

Rede Municipal

Projeto Leitura: um momento de interação e diversão

Palavras-chave leitura e escrita; vivência comunitária

Ponto forte o projeto incentiva a leitura ao mesmo tempo que aproxima os alunos da comunidade

O projeto começou com o diagnóstico do distanciamento cada vez maior entre os alunos e o mundo da palavra escrita. Assim, a idéia era estimular a formação de hábitos de leitura, garantindo aos estudantes da escola Coronel Pedro de Goes um espaço lúdico para a leitura e a aquisição de novos conhecimentos, bem como de vivências de cidadania.

A primeira ação foi a “Hora do conto”: na sexta-feira, os alunos devem escolher textos nos quais mergulharão no fim de semana. Quando voltam à escola na segunda-feira, contam-no aos demais. Uma história puxa outra história, e daí partiu-se para um projeto maior: levar o

prazer da leitura e da escrita a outros membros da comunidade, como idosos e pessoas com deficiência.

Às segundas e sextas-feiras, os alunos começaram a freqüentar um abrigo de idosos, para contar histórias tradicionais e ler textos. Logo, em uma via de mão dupla, também passaram a escrever as histórias contadas por aqueles a quem visitavam.

Com o desenvolvimento do projeto de voluntariado, os alunos, como era de esperar, passaram a ler mais e a participar mais das aulas. O aluno Daniel, por exemplo, que não gostava de ler, é hoje o primeiro a correr para pegar o livro.

Para uma das responsáveis pelo projeto, ler e contar histórias para outras pessoas não é apenas uma atividade prazerosa: é uma forma de cada aluno se reconhecer como um sujeito capaz de contribuir para sua comunidade e participar de sua transformação. Como acontece hoje na tranqüila Piaçabuçu.

Coração verde

Imenso, cortando a floresta, o rio Madeira é sinônimo de vida e também de degradação na região amazônica. Ao longo de suas margens, nas proximidades de Porto Velho (RO), instalam-se comunidades carentes de infra-estrutura, saúde e educação que vivem da exploração de minério e do extrativismo.

Cidade Porto Velho (RO)

Nome da escola Colégio Pitágoras

Rede Particular

Projeto Beiradão

Palavras-chave rio Madeira; comunidade ribeirinha; infra-estrutura

Ponto forte vínculo estreito entre estudo teórico e de campo, aliado à produção de conteúdo pelos estudantes

Nesse cenário se desenvolve desde 1999 o projeto “Beiradão”, do Colégio Pitágoras, no qual 25 alunos voluntários e professores viajam pelo rio para analisar aspectos históricos, lingüísticos, geográficos e biológicos das comunidades ribeirinhas do rio Madeira, levantando dados qualitativos e quantitativos da realidade socioeconômica das comunidades.

Os alunos vivenciam a realidade dessas comunidades – localizadas até 300 km rio adentro – na integração com o meio ambiente, pondo em prática as teorias aprendidas em sala de aula, e buscam na escola, na comunidade e nos órgãos públicos soluções para problemas detectados.

A viagem, porém, é o ponto alto de um processo que começa meses antes. Os alunos voluntários passam por um processo seletivo dentro do colégio, no qual se levam em conta o perfil dos interessados, a disciplina e o rendimento escolar. Formam-se quatro grupos (lazer, saúde, educação e meio ambiente) e começam os debates sobre as possíveis intervenções. Tudo parte dos alunos, mas com a orientação de professores-coordenadores.

O projeto “Beiradão” já alcançou reconhecimento nacional, recebendo o Prêmio Klick Educação, em 1999, e o Prêmio Rondônia de Qualidade, em 2004, na categoria educação. Além disso, a Câmara Municipal de Porto Velho outorgou ao projeto o título de Amigo da Comunidade.

Considerado um patrimônio para a comunidade escolar, o projeto tem influenciado futuras lideranças da cidade a ter uma postura diferente, com mais sensibilidade para os problemas sociais. Os resultados podem ser notados em diversos aspectos, seja no interesse despertado nos alunos para conhecer a realidade local, seja na conquista de melhores condições de infra-estrutura de algumas escolas do município.

Aqueles que querem ver

Como é ser cego? Como é não ver o rosto dos amigos ou os caminhos que levam à escola? Os alunos do colégio A. Liessin Scholem Aleichem, no Rio de Janeiro (RJ), tentaram vivenciar o mundo de quem não vê, em um projeto social que envolveu toda a escola, em 2004, intitulado “Com o coração se vê mais longe”. A idéia era levar os alunos a pesquisar sobre a convivência com a diversidade, com a diferença – entre elas, a deficiência visual.

Cidade Rio de Janeiro (RJ)

Nome da escola A. Liessin Scholem Aleichem

Rede Particular

Projeto Com o coração se vê mais longe

Palavras-chave deficiência visual; livros falados; reflexão

Ponto forte o estudo das dificuldades dos deficientes visuais foi além da sensibilização e acabou motivando a gravação de livros falados

A idéia nasceu de uma palestra realizada na escola sobre a inclusão social do deficiente visual, na qual a palestrante apresentou um livro falado de sua autoria. Alunos e professores acharam a idéia bastante interessante e daí nasceu um projeto intitulado “Tudo bem ser diferente”, que acabou por evoluir para o “Com o coração se vê mais longe”.

Entre os fatos que alteraram o curso do programa estão a visita da ex-aluna Etel Rosenfeld, uma das primeiras brasileiras a ter um cão-guia, e uma sugestão da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que abordava a questão dos deficientes visuais – o colégio integra o Programa de Escolas Associadas, da Unesco.

O primeiro passo foi conhecer as dificuldades vividas pelos cegos. Os professores indicaram leituras que pudessem estimular alunos da 1ª à 6ª série a pensar sobre o tema, propuseram dinâmicas de olhos vendados, realizando tarefas como amarrar os sapatos ou separar livros, ouviram palestras e, especialmente, resolveram produzir livros falados – entre eles, um sobre a experiência de Etel Rosenfeld.

Depois da vivência das diversas dificuldades enfrentadas pelos cegos, iniciou-se um projeto de voluntariado entre os estudantes para gravar os livros falados – que contam até com dedicatórias em braile. Participaram, por iniciativa própria, crianças de 6 a 12 anos. Toda a gravação dos livros, doados ao Instituto Benjamin Constant, foi feita durante o horário escolar. “Foi um grande aprendizado para as crianças, pois puderam conhecer outra realidade e a aprender com as diferenças”, comenta a psicopedagoga.

Mudar o bairro, mudar o mundo

No Colégio Prefeito Mendes de Moraes, nas raízes do projeto “Desafio: ações para mudar o mundo” há uma proposta social ampla, que mostra que o cidadão organizado pode influir no meio em que vive. Idealizado pela professora de geografia e planejado com o envolvimento de toda a comunidade escolar, trata-se de um plano para a formação de cidadãos capazes de intervir na sociedade de modo eficaz e adequado, realizando ações nas áreas de alimentação, saúde e educação ambiental. O projeto segue o plano pedagógico do colégio, que, por sua vez, teve como orientação os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, da ONU.

Cidade Rio de Janeiro (RJ)

Nome da escola Prefeito Mendes de Moraes

Rede Estadual

Projeto Desafio: ações para mudar o mundo

Palavras-chave alimentação; saúde; educação ambiental

Ponto forte valoriza a participação social e integra a escola à comunidade

Primeiramente, foi aberta inscrição para todos os membros da comunidade escolar interessados em participar. Foi um sucesso: inscreveram-se 188 alunos – no caso dos menores de idade, foi exigida autorização do responsável. Formados os grupos para as diferentes metas, realizaram-se reuniões para a definição de ações específicas para cada grupo, considerando-se disponibilidade de horário, público-alvo, periodicidade, formas de avaliação etc.

Uma das iniciativas é o “ecoteste”: percorrendo as ruas do bairro, os estudantes levantaram os hábitos dos moradores com relação ao meio ambiente, em uma pesquisa que abordou temas como arborização, rede de esgoto, asfaltamento, calçadas adequadas, presença de insetos perigosos nas ruas, poluição e lixo.

Em sala de aula, cada professor explorou o assunto de acordo com sua disciplina. Nas aulas de português, os alunos escreveram redações e fizeram folhetos informativos. Em biologia, estudaram tipos de árvore, classificação dos animais e perigos da presença de ratos e baratas no ambiente doméstico. Em história, pesquisaram a origem do bairro.

Em paralelo a esse trabalho, a escola faz a ponte entre alunos que querem ser voluntários e organizações sociais. “Representantes de algumas entidades vêm à escola, fazem uma palestra sobre o seu trabalho e distribuem ficha de interesse para quem quer participar. Muitos de nossos alunos já atuam nessas organizações”, comemora a professora.

Raios de Sol

Sem sol, não há multiplicação da vida. Essa metáfora acertou em cheio uma idéia que brotou na escola Diocesana São Francisco, em Santarém (PA). Lá acontece o projeto “Sol-Solidário”, a partir do qual se realizam diversas ações solidárias que buscam a multiplicação do conhecimento e das oportunidades para todos.

Cidade Santarém (PA)

Nome da escola Diocesana São Francisco

Rede Estadual

Projeto Sol-Solidário

Palavras-chave ação solidária; reforço escolar; capacitação

Ponto forte as atividades abrangem diversos campos, o que contribui para a adesão voluntária de uma grande quantidade de estudantes, responsáveis pela gestão dos grupos específicos

Desenvolvido por alunos do ensino médio e da 8ª série do ensino fundamental, além do corpo docente da escola, o projeto nasceu em 2004, quando foi feito o diagnóstico das necessidades da comunidade, a elaboração de metas a serem alcançadas e o levantamento das habilidades dos quase cem voluntários que decidiram se envolver.

A quantidade de voluntários aumentou e, no fim do ano seguinte, já totalizava quase 200, organizados em núcleos responsáveis por planejar e pôr em prática as atividades. Foram realizadas, por exemplo, atividades de reforço em matemática, português e inglês, entre outras matérias, sempre de acordo com as competências dos voluntários.

Foi assim, também, que, em parceria com órgãos públicos e empresas, se iniciou a capacitação para informática, artes e educação ambiental. Outros grupos se responsabilizaram por oficinas de xadrez, por uma escolinha de esportes e pela formação de “miniadvogados”, conhecedores do Estatuto da Criança e do Adolescente. Como é uma escola católica, formou-se o clube de jovens JUF (Juventude Franciscana).

O projeto inclui diversas promoções, como teatro, feiras e rifas para a realização de um Natal solidário, cujos beneficiados são as crianças da escola e jovens do bairro Pérola do Maicá. E o “Sol-Solidário” não deixa de alcançar estudantes universitários, de instituições parceiras, que contribuem com conhecimento técnico.

No 5 de dezembro, Dia Internacional do Voluntário, os alunos recebem um certificado de participação como reconhecimento às atividades desenvolvidas. Cada vez mais, o Sol da Diocesana São Francisco brilha para todos.

Aprender brincando

As histórias de voluntariado educativo não são feitas apenas de projetos complexos. Muitas vezes, tudo se resume a uma frase, como: “Posso aprender também?”. Essa é a experiência que vem sendo vivida pelos alunos do Colégio das Américas, em São Paulo (SP).

Cidade São Paulo (SP)

Nome da escola Colégio das Américas

Rede Particular

Projeto ABC: aprender, brincar, conviver

Palavras-chave assistência social; reforço escolar; cidadania

Ponto forte exemplo de que o voluntariado é uma via de mão dupla, com benefícios para quem recebe a ação e para quem a exerce

O projeto “ABC: aprender, brincar, conviver” surgiu da troca de cartas entre crianças do Orfanato Pivi (Projeto de Incentivo à Vida) e um grupo do Colégio das Américas. Foi a partir dessas cartas e dos problemas de aprendizado observados nelas que alunos e professores tiveram a idéia de iniciar no orfanato uma atividade de reforço escolar pela qual as crianças pudessem superar as dificuldades de escrita e de compreensão de texto – que geravam muitos problemas na escola em que estudavam, afetando o aprendizado, a auto-estima e a convivência em sala de aula.

Foi então que uma professora propôs o projeto “ABC”, com a proposta de que alunos da 8ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio se tornassem monitores dos pequenos. Como não poderia deixar de ser, a participação é voluntária. São mais de 30 participantes, mas o grupo não é permanente, devido aos limites de cada um. Sempre às terças-feiras, durante duas horas, meninas e meninos do Colégio das Américas investem-se do papel de professores e põem-se ao trabalho.

Na atividade de reforço escolar são atendidas crianças entre 6 e 12 anos de idade. “As aulas são sempre muito divertidas, e as crianças aprendem brincando. Como ‘método de ensino’ usamos palavras cruzadas, caça-palavras, pinturas e quebra-cabeças. Não podemos tornar as aulas maçantes, pois os pequenos ficam em sala de aula a manhã toda”, conta a professora.

O trabalho voluntário começa a provocar mudanças de comportamento, observadas, por exemplo, no trajeto de volta à escola. Os alunos voltam pensativos, mas dispostos. “Quando chegam ao colégio, eles estão com outro astral e cheios de idéias para as próximas visitas”, conta a professora. Percebem que atividades de vivência solidária podem ser mais valiosas do que, por exemplo, uma campanha de arrecadação.

Eles vão alimentados por pequenos fatos e frases capazes de mudar vidas. Como a de Alan, um garoto de 10 anos, muito esperto, mas que nunca frequentou a escola. No primeiro dia, ele disse: “Posso aprender também?”. Na semana seguinte, lá estava ele, esperando com seu material: “Já fiz toda a lição. Hoje tem aula de novo?”.

A teoria e a prática

Desde 2003, o Colégio Santa Cruz, em São Paulo (SP), trabalha com a comunidade da favela do Sapé em projetos de voluntariado. O primeiro deles, chamado “O corpo humano e o mundo”, teve início com um diagnóstico institucional que constatou carências significativas nos cuidados das crianças com o próprio corpo.

Cidade São Paulo (SP)

Nome da escola Colégio Santa Cruz

Rede Particular

Projeto Linguagem, expressão e letramento

Palavras-chave ação social; cidadania; leitura e escrita

Ponto forte valoriza os saberes dos voluntários e da comunidade atendida, complementando o aprendizado formal

Avaliado positivamente, o projeto abriu a possibilidade de uma ação que envolvesse ainda mais as competências dos voluntários trabalhadas pela escola: a cidadania, o aprendizado da língua portuguesa, o desenvolvimento da linguagem e de seus diferentes meios de expressão. Trata-se do projeto “Linguagem, expressão e letramento”, que propicia à comunidade atendida um contato significativo com a leitura e a escrita.

O objetivo não é alfabetizar crianças e adolescentes – pois esse é um papel da escola –, mas complementar o aprendizado formal. Por meio de atividades lúdicas, a tentativa é despertar a criança para a importância da

leitura e da escrita, estimulando sua autonomia e transmitindo valores de cidadania e respeito às diferenças.

Participam das atividades alunos do ensino médio, do 1º ao 3º ano. Parte desse grupo atua como voluntário nessa mesma comunidade desde 2003. O grupo é coordenado pela pastoral do colégio e por uma psicopedagoga que acompanha todas as atividades desenvolvidas, desde o planejamento até a avaliação.

Antes do desenvolvimento do projeto foi necessário avaliar a leitura e a escrita das crianças e dos adolescentes da comunidade. Constatou-se que, para maior aproveitamento do trabalho, seria necessário dividir as crianças em grupos denominados e criados por eles. Com as crianças mais velhas, faz-se um trabalho com pequenos textos, cartas e crônicas da realidade em que vivem. Com as mais novas, o trabalho tem um caráter mais lúdico: as crianças inventam histórias que são escritas por voluntários, e as atividades posteriores – como dramatização, criação de cenário e figurino, leitura e debates com funcionários e comunidade – partem da mesma história.

Como resultado, as crianças apresentam maior respeito pelo grupo e pelas idéias de cada um, com fortalecimento de auto-estima, pois suas histórias e criações estão sendo legitimadas. Mas, principalmente, foi quebrada uma barreira muito significativa: a leitura e o mundo letrado passaram a ser considerados interessantes – as crianças não têm mais tanto medo de errar, pois o erro agora é visto como parte do processo de aprendizado.

O Brás e a mulher

O Brás, um dos bairros mais tradicionais de São Paulo (SP), que se caracteriza pela forte atração a imigrantes e pela vocação para o comércio, guarda a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos. Aproveitando a localização da escola, professores do curso de enfermagem propuseram que os estudantes pesquisassem as ruas adjacentes e fizessem um levantamento da população. Logo os alunos chegaram à conclusão de que seria interessante desenvolver um projeto de orientação às mulheres trabalhadoras do bairro.

Cidade São Paulo (SP)

Nome da escola ETE Carlos de Campos

Rede Estadual

Projeto Saúde da mulher

Palavras-chave mulheres; saúde; pesquisas

Ponto forte aplicação de conhecimentos técnicos aprendidos em aula, de acordo com a necessidade da população; boa metodologia de projeto

Com a pesquisa, os alunos detectaram que o bairro tem muitas fábricas e lojas cuja maior mão-de-obra é feminina. São mulheres que trabalham de 8 a 12 horas por dia e vivem praticamente para o trabalho. Muitas saem de casa cedo e voltam tarde, já que moram longe e perdem bastante tempo no deslocamento.

A consequência direta disso, a falta de cuidado com a saúde, motivou o desenvolvimento do projeto “Saúde da mulher”, que, após uma série de contatos e entrevistas com a população local, propôs ações de intervenção social, agregando valores de saúde, habitação e bem-estar social na qualidade de vida, bem como palestras e ações voluntárias para a educação sexual, educação preventiva e orientações sobre ginecologia.

Estudantes do primeiro semestre de enfermagem se responsabilizam pela aplicação da pesquisa junto aos lojistas, como atividade para a disciplina Cuidados com a Saúde da Criança e da Mulher. Os do segundo semestre manipulam os dados coletados na disciplina de Estatística e planejam as ações de atendimento.

As conclusões da análise de dados direcionam o conteúdo das palestras e a produção de materiais informativos. Após a conclusão dessa fase, realizada na rua Oriente, o projeto se estenderá a outras regiões do Brás. A ETE Carlos de Campos, nascida em 1911 como Instituto Profissional Feminino, retribui a quem sempre a acolheu: o Brás e a mulher.

Cultura Solidária

Mesmo que tenha partido de um objetivo principal ambicioso – sensibilizar as autoridades para a canalização do córrego do Guaraú, no Jardim Peri, em São Paulo (SP) – o projeto “Falando sério”, do Instituto Madre Mazzarello, tomou proporções que foram muito além da idéia inicial.

Cidade São Paulo (SP)

Nome da escola Instituto Madre Mazzarello

Rede Particular

Projeto Falando sério

Palavras-chave córrego; canalização; parasitoses

Ponto forte mostra que um projeto pode envolver diversas áreas, sem a necessidade de se restringir ao objetivo específico

O projeto de canalização do córrego chegou à aprovação da Câmara Municipal e aguarda apenas a homologação. Essa foi apenas uma das conquistas comemoradas pelo grupo de alunos voluntários do instituto. Além desse, outros frutos das ações voluntárias foram: o encaminhamento de crianças com parasitoses a postos de saúde e o estabelecimento de uma grade de atividades abertas à comunidade, que incluiu realfabetização, reforço escolar, aulas de dança e informática para crianças, oficinas de jogos e música.

O “Falando sério” teve ligação direta com as disciplinas do ensino médio e técnico e contou com o apoio da pastoral da escola. Em geografia, os alunos aprenderam, na prática, sobre conteúdos curriculares, como a formação do córrego, pirâmide etária e condições socioeconômicas da região. Os trabalhos com o grupo da pastoral enfatizaram a construção da cultura da solidariedade. Os cursos técnicos se dividiram em normal (atividades relacionadas à educação), turismo (atividades recreativas com as crianças do bairro), técnico em informática (oficinas nos laboratórios) e patologia clínica (levantamento de dados sobre as doenças das crianças, investigação das causas e formas de prevenção).

O grupo de alunos e professores envolvidos nesse projeto foi formado espontaneamente, por aqueles que se sentiram motivados por valores de solidariedade, participação e cidadania. Foram 30 alunos que atuaram, e parte deles estava na última série, por isso a equipe se renova a cada ano.

As ações voluntárias foram definitivamente incorporadas à cultura da escola e, paulatinamente, ajudam a mudar o perfil do Jardim Peri.

Não-governamental e escolar

O setor das organizações sociais – o terceiro setor – tem mostrado grande crescimento nas últimas décadas. Com a consciência de que todos são responsáveis pelo mundo, o trabalho organizado por uma causa de interesse público tem envolvido milhões de brasileiros e se tornado razão de orgulho para todos.

Cidade Serra Negra (SP)

Nome da escola Professora Maria do Carmo de Godoy Ramos

Rede Estadual

Projeto ONGs nas séries

Palavras-chave terceiro setor; organização social; meio ambiente

Ponto forte desperta a comunidade escolar para os benefícios da participação social consciente e permanente

Com a coordenação de uma professora, alunos da escola Professora Maria do Carmo de Godoy Ramos, de Serra Negra (SP), se engajaram nesse movimento: em junho de 2004, foi estabelecido o projeto “ONGs nas séries”, que nasceu da idéia de motivar os alunos para a prática da cidadania. A iniciativa é parte de um outro projeto, “A natureza agradece”, vinculado às aulas de geografia.

A idéia é compreender como nasce uma organização social e quais são seus objetivos. Cada série escolheu para a ONG um nome, um logotipo e uma diretoria com presidente, vice-presidente, secretários, tesoureiros, sócios-fundadores e outros componentes.

Uma sala da 6ª série, por exemplo, criou a “ONG Tuan (Todos Unidos Ajudando a Natureza)”, cujo objetivo é despertar os outros alunos e a população para a preservação do meio ambiente, pois é dele que se retiram os bens necessários para a sobrevivência.

Em reuniões em horário contrário ao de aula, os alunos elaboram ações de conscientização ambiental, como palestras, coleta seletiva de lixo e folhetos explicativos. Em seu primeiro ano de existência, a “ONG Tuan” ajudou a criação da “ONG Gaunn (Grandes Amigos Unidos na Natureza)”, com alunos da 5ª série.

As ONGs da escola têm até estatuto social, só não são constituídas juridicamente – mesmo porque, a intenção principal não é essa, mas sim fazer um trabalho positivo e organizado, de modo a começar aí uma atitude permanente de cidadania e responsabilidade.

Doar e Conviver

Uma verdadeira demonstração de solidariedade acontece há oito anos na escola Atec (Associação Tangaraense de Ensino e Cultura). É o projeto “Viver e Conviver em Solidariedade”, pelo qual, sempre no dia 15 de cada mês, são feitas doações de alimentos, roupas e brinquedos para 45 famílias cadastradas.

Cidade Tangará da Serra (MT)

Nome da escola Associação Tangaraense de Educação e Cultura

Rede Particular

Projeto Viver e Conviver em Solidariedade

Palavras-chave doações; oficinas e palestras; valores

Ponto forte a escola mostra que mesmo campanhas podem ser realizadas de modo continuado e planejado de acordo com necessidades da comunidade

E não é só. Bimestralmente acontecem encontros com a comunidade, com oficinas e palestras. Nessas ocasiões, é oferecido um lanche, obtido por meio de parceria com um mercado da cidade.

Uma das premissas do projeto é a reflexão, em sala de aula, de valores éticos, morais e de cidadania, pois promover a convivência, a solidariedade e o respeito às diferenças é função social da instituição.

O desenvolvimento do projeto segue algumas etapas predefinidas: primeiro, o diagnóstico, o levantamento de informações e o contato com as famílias. As turmas então são mapeadas para avaliar as diferentes contribuições que podem ser feitas. As equipes escolhem os temas e

preparam as oficinas para adultos e crianças. Somente então passa-se à fase de arrecadação das doações.

Segundo a escola, o projeto é um sucesso. O convívio com os diferentes combate o preconceito e potencializa valores como amizade, solidariedade e respeito. Outro benefício percebido é que o exercício da cidadania eleva a auto-estima dos participantes. Além disso, os pais voluntários que participam são formadores de opinião e fortalecem o projeto.



Para espantar O mosquito

Não é campanha, é uma rotina. Na escola Projeto Educativo Mãos Dadas, todos os alunos participam de um amplo projeto de combate à dengue, que inclui até a coleta de recipientes e objetos que possam abrigar as larvas do mosquito *Aedes aegypti* nas casas da cidade.

Cidade Timon (MA)

Nome da escola Projeto Educacional Mãos Dadas

Rede Municipal

Projeto De mãos dadas contra a dengue

Palavras-chave dengue; campanha; reciclagem de lixo

Ponto forte o projeto começa na escola, mas traz benefícios a toda a comunidade

A iniciativa foi desencadeada pela direção, em 2001, a partir dos altos índices de dengue na cidade de Timon (MA), e foi incorporada por alunos e professores. Gerou, por exemplo, projetos didáticos relacionados ao tema que são trabalhados em cada série, por todos os professores, nas mais diversas disciplinas.

Não se trata apenas de uma campanha. Ainda que a dengue seja um tema que exija esforço prático, o projeto começa com uma pesquisa de campo e teórica, com leitura de textos sobre a doença, elaboração de relatórios, realização de entrevistas com profissionais da área de saúde, palestras

– são inúmeras as atividades do projeto, sempre com o objetivo de sensibilizar a comunidade para o problema da dengue.

Na prática, uma das principais atividades é a coleta e seleção de lixo. Toneladas de embalagens, pneus e recipientes dos mais diversos tipos são coletados nas casas, a fim de eliminar possíveis focos de reprodução do mosquito da dengue. O material reciclável é enviado ao órgão responsável por esse trabalho no município.

Transformado em ação permanente da escola, o projeto “De mãos dadas contra a dengue” vem sendo realizado anualmente, comemorando um envolvimento cada vez maior da comunidade.

Solidariedade que leva à leitura

Percebendo que a biblioteca da escola tinha pouco movimento, os alunos do colégio Monsenhor Luiz Sampaio, da cidade de Triunfo (PE), ficaram incomodados. Buscando uma resposta a esse problema, logo descobriram que isso acontecia por falta de pessoal para o atendimento. Então, por iniciativa própria, mas que recebeu grande incentivo da escola, um grupo de alunos dos ensinos fundamental e médio se prontificou a prestar tal atendimento, gerando várias ações de leitura com o projeto “Conte comigo”.

Cidade Triunfo (PE)

Nome da escola Monsenhor Luiz Sampaio

Rede Estadual

Projeto Conte comigo

Palavras-chave biblioteca; leitura; participação

Ponto forte estudantes perceberam a importância da biblioteca e se empenharam em recuperá-la e torná-la referência para a comunidade

O empenho da equipe foi tanto que a escola viabilizou a capacitação necessária para o desenvolvimento de um trabalho mais eficiente. Os alunos voluntários se organizaram em três turnos de trabalho, e os projetos proliferaram. Depois de organizarem o espaço físico e o acervo da biblioteca, esta começou a receber mais visitas, dinamizando a frequência. Aí foram surgindo outras idéias, como a realização da “Hora do conto”, feita para alunos das primeiras séries.

Indo além do espaço escolar, os alunos organizaram o que chamam de caixas-estantes, que permitem a mobilidade de levar a leitura para um abrigo de idosos da

região, por exemplo. Apesar da dificuldade de locomoção, os idosos se sentem integrados à sociedade, com a aproximação promovida pelos alunos da escola.

Depois desse maior contato com os livros e com o espaço da biblioteca, os alunos passaram a se preocupar também com a necessidade de conservação das publicações. Então começaram a realizar oficinas de recuperação de livros, mapas e outros materiais danificados, além de levar adiante a catalogação do acervo existente.

Com essa experiência, a escola sente de fato a importância do trabalho voluntário. Além do estímulo à leitura, o projeto também motivou outros alunos a interferir de forma positiva nas dificuldades da escola, formando cidadãos mais conscientes de sua atuação na sociedade.

Com a força de todos

Fundado há 60 anos na cidade de Vitória da Conquista (BA), o Educandário Juvêncio Terra tem, desde 2003, uma experiência de trabalho social que não pára de crescer – o projeto “Aprender a ser”, realizado em parceria com entidades beneficentes da cidade.

Cidade Vitória da Conquista (BA)

Nome da escola Educandário Juvêncio Terra

Rede Particular

Projeto Aprender a ser

Palavras-chave organizações sociais; inclusão social

Ponto forte o envolvimento da comunidade escolar, que ano após ano fortalece os laços com organizações sociais

Cada sala (alunos voluntários e dois professores “padrinhos”) adotou uma entidade indicada pela Secretaria de Desenvolvimento Social da cidade. Entre março e outubro de 2004, todos puderam conhecer melhor as organizações escolhidas e diagnosticar as suas principais necessidades, que incluíam desde falta de manutenção e limpeza até orientação de saúde bucal.

Uma das turmas, por exemplo, dedicou-se a uma instituição que atende prioritariamente pessoas com deficiência visual, objetivando a inclusão social, e chegou a montar um plantão semanal para realizar atividades como digitação e leitura de textos, acompanhamento de deficientes na rua e auxílio em oficinas. A participação dos alunos coincidiu com o aniversário de 15 anos da instituição, o que os fez participar ativamente da promoção da festa de comemoração, conseguindo doações e ajudando a realização do evento.

Em 2005, um novo passo: 12 turmas dos ensinos fundamental e médio se envolveram com instituições beneficentes. Como nas atividades anteriores, houve diagnóstico para identificar as necessidades. Naquelas de educação física, decidiu-se que realizariam a confecção, a exposição e a entrega de brinquedos nas instituições, ação que ficou conhecida como “Brinquedação”. A cada ano, planejam-se mais ações, em vãos mais altos, por um espaço sem limites.

Voluntariado da escola para a escola

Além de promover experiências sociais que beneficiem o público externo à escola, o voluntariado educativo é uma proposta educativa bastante eficaz para dar significado aos conteúdos curriculares e à vivência de valores por meio de atividades sociais planejadas.

Projetos de voluntariado educativo da escola para a escola podem ser realizados dentro de uma instituição de ensino (intra-escolares) ou em conjunto com outras (interescolares). São praticados por integrantes da comunidade escolar e voltados para a realização de objetivos escolares.

Um projeto escola-escola “clássico” é o de monitoria, pelo qual os alunos que sabem mais ajudam os demais colegas a compreender o conteúdo curricular, com a orientação de professores – um procedimento eficaz não apenas para quem recebe a ação, que esclarece dúvidas, mas também para os agentes, que têm a possibilidade de consolidar conhecimentos adquiridos anteriormente.

Em busca de bons tempos

O chamado Tempo das Águas é visto com preocupação na pequena Água Doce do Norte (ES), cidade de dois rios e 7.000 habitantes. As chuvas provocam a cheia dos rios, alagam casas, destroem as ruas e chegam a afastar as crianças da escola, ao inviabilizar o transporte escolar. Essa situação motivou o projeto “Escola 100% presente”, da escola Sebastião Coimbra Elizeu.

Cidade Água Doce do Norte (ES)

Nome da escola Sebastião Coimbra Elizeu

Rede Estadual

Projeto Escola 100% presente

Palavras-chave cheia de rios; assistência social; participação

Ponto forte vinculado a uma condição da natureza local, o projeto dá sentido ao conhecimento escolar e desperta a solidariedade

“Os alunos faltavam muito porque as estradas estavam danificadas. O ônibus, fornecido pela prefeitura em parceria com o Estado, não conseguia passar e, por alguns meses, esse trabalho foi suspenso por problemas de licitação”, conta a professora de geografia do ensino médio.

Os docentes começaram então a visitar cada casa, para convencer os alunos a retornar à escola. Alguns estavam receosos, por considerar difícil recuperar o tempo perdido, mas aceitaram o desafio. No retorno às aulas, retomaram as lições e, com as docentes, montaram o projeto.

Inicialmente, a ação tinha caráter assistencialista, com campanhas de arrecadação de roupas e alimentos em prol dos necessitados. Meses depois, a missão ampliou-se. A mobilização é intensa, com iniciativas diversas. A cada momento brotam novas idéias. Quando se nota aumento no volume de um rio, por exemplo, as famílias que moram por perto são avisadas, para que possam se precaver.

Em sala, os alunos começaram a analisar questões de geografia: a formação da chuva, as condições do solo, a erosão e os deslizamentos de terra, entre outros assuntos.

O conhecimento adquirido aumentou a mobilização, e os alunos passaram a visitar as famílias, uma a uma, para falar do risco de enchentes. Além disso, quando elas acontecem, a escola serve de abrigo para a comunidade. “Tomamos conta das crianças enquanto os pais tentam recuperar o que perderam na enchente ou saem em busca de ajuda”, lembra a professora.

Iniciado em outubro de 2004, o projeto já produziu efeitos em diversas áreas: diminuiu a evasão, propiciou estudos sobre fatos e condições regionais – como indicado nos PCNs – e aumentou a participação da comunidade no cotidiano educativo. Aos poucos, as chuvas deixam ser sinônimo de abandono escolar.

Nas ondas da solidariedade

O sonho dos alunos da Escola de Ensino Fundamental Bela Cruz era ter uma rádio. O da direção, um ambiente mais calmo e menos agressivo nos intervalos das aulas. Desse encontro nasceu a “Rádio Shalom”, com uma programação educativa que aborda problemas da sociedade contemporânea, temas das aulas e entretenimento.

Cidade Bela Cruz (CE)

Nome da escola Bela Cruz

Rede Estadual

Projeto Rádio Shalom

Palavras-chave descoberta de habilidades; conscientização; linguagem

Ponto forte a rádio da escola é um meio de compartilhar conhecimentos, descobrir talentos, divulgar notícias e aproximar a comunidade escolar

Para capacitar os alunos voluntários a organizar e operar a rádio, a escola contou com a ajuda de uma voluntária, a locutora de uma estação local. Atualmente, participam da rádio três alunos por turno, que se revezam semanalmente.

Essa ação aparentemente simples vem mudando a escola, que aposta no projeto como uma forma de sensibilizar os alunos para valores de cidadania, transformando-os em peças-chave de um processo de mudança. A premissa básica é a de que cidadania não é algo que se adquire como uma mercadoria qualquer, mas que se constrói a partir da conscientização e da mobilização.

Com participação ativa do grêmio da escola, a Rádio Shalom une toda a comunidade escolar – professores, alunos, pais, funcionários e amigos da escola. Além disso, é oportunidade concreta de descoberta de talentos, contato com novas linguagens e estímulo ao protagonismo juvenil.

As diferentes equipes envolvidas elaboram programas sobre eventos e reuniões da escola, apresentam quadros musicais e humorísticos, lêem textos para reflexão, fazem a divulgação falada do jornal Primeiras Letras, socializam atividades realizadas em sala de aula, prestam contas das ações da escola para a comunidade – enfim, são inúmeras as possibilidades.

Como resultados, a escola vem percebendo crianças e jovens envolvidos, que deixaram de ser apenas consumidores de produtos culturais, incluindo-os socialmente como sujeitos que pensam, refletem, interferem e vivenciam o rádio, um meio potencializador de suas ações.

Solidariedade on-line

Às vezes, o problema das escolas não está nas condições e na estrutura oferecida, mas na utilização. Esse era o caso da escola Florestan Fernandes, em Belo Horizonte (MG). No final de 2004, ela tinha um laboratório de informática bem equipado, com 16 bons computadores, *scanners* e outros equipamentos. O problema é que pouquíssimos alunos e professores dominavam as máquinas... bem, isso até começar o projeto “Inclusão digital”.

Cidade Belo Horizonte (MG)

Nome da escola Florestan Fernandes

Rede Municipal

Projeto Inclusão digital

Palavras-chave informática; monitoria

Ponto forte ao compartilhar conhecimento, os alunos ajudam os colegas e percebem a força transformadora do voluntariado

A idéia partiu da coordenadora de informática, quando viu que havia alunos que sabiam um pouco mais de tecnologia e mostravam grande facilidade em aprender. Logo, ela os convidou a ensinar os colegas. No início estavam tímidos. Depois de um começo lento, o projeto deslançou com as sugestões dos demais professores e da direção.

Não se trata de um curso de informática, mas de monitoria para as pessoas que precisam de ajuda. Os alunos-monitores sempre atuam em duplas, sendo um deles o responsável pela manutenção do laboratório, com a incumbência de manter a sala em ordem, avisar a coordenadora sobre possíveis problemas com os equipamentos, controlar o quadro de horários de aula e monitoria e evitar que as pessoas comam, gritem, briguem ou mudem de lugar toda hora dentro do laboratório.

Depois das primeiras atividades, muitos estudantes manifestaram interesse em participar do grupo de monitores. A escola abriu inscrição, entrevistou os candidatos – para saber o conhecimento de informática – e selecionou os que tinham o perfil desejado. Participam da ação alunos de 13 a 16 anos.

Os resultados surgiram rapidamente. Os outros alunos aprenderam tanto a usar o micro como a acessar a internet e pesquisar qualquer assunto. A coordenadora diz que sentiu mudança no comportamento dos alunos participantes do projeto. “Eles ficaram mais confiantes. A auto-estima aumentou e o rendimento escolar melhorou bastante. Ao ajudar os outros, eles descobrem novas formas de aprender e assimilar o conteúdo”, comemora.

Conscientização em rede

No início do ano letivo de 2004, o professor de biologia e química notou que um certo desânimo reinava na escola, no comportamento tanto de professores como de alunos. Não havia interesse pelas aulas. Após conversas informais, montou um questionário para descobrir as origens do problema. Constatou que, por não verem a relação entre a matéria de sala de aula e o cotidiano, os estudantes mostravam pouca auto-estima, não gostavam de ler e não tinham interesse pelos estudos. Já os professores se diziam desmotivados devido ao comportamento dos alunos e com algumas atitudes dos adolescentes, como o descaso com o meio ambiente.

Cidade Brasília (DF)

Nome da escola Centro de Ensino Médio EIT

Rede Estadual

Projeto Comunicólogo - A consciência que vem da escola

Palavras-chave educação ambiental; parques; conscientização

Ponto forte os alunos divulgam pela internet os conhecimentos adquiridos nos estudos de campo

Desse diagnóstico amargo nasceu o projeto “Comunicólogo - A consciência que vem da escola”, focado em educação ambiental e com a participação direta de alunos do 3º ano do ensino médio. No início, a atividade foi exercida por todos os estudantes, porque era parte do conteúdo curricular. Com o tempo, ficaram apenas os interessados pela causa.

O título “Comunicólogo” remete à função do comunicador social, que deve orientar e coordenar os valores e objetivos da ação coletiva para fins democráticos e de desenvolvimento humano. Nesse caso, o trabalho envolve o incentivo à comunicação, ao domínio da pesquisa e

a uma visão mais abrangente sobre os processos que ocorrem na natureza.

Entre as atividades do projeto, foram realizados estudos que caracterizaram a flora, a fauna e os usos dos parques ecológicos do Distrito Federal. Depois, os conhecimentos foram socializados em fóruns e bate-papos na internet e também em oficinas e palestras.

Segundo o professor, começou a ser formada uma rede de conscientização ambiental em outras escolas do Distrito Federal, especialmente de Taguatinga (onde se localiza a escola), Ceilândia e Samambaia, administrações regionais de onde provêm 50% dos alunos.

As apresentações feitas presencialmente pelos alunos, que incluem coreografias e distribuições de kits informativos, vêm sendo tão bem aceitas nas escolas que as turmas são convidadas para se apresentar em outros locais, como bibliotecas públicas, aberturas e encerramentos de cursos de educação ambiental.

Depois do projeto, mudou o comportamento dos alunos, que passaram a se interessar pelas aulas, a perguntar, a ler e a pesquisar mais. “Eles perceberam seu potencial e viram que têm habilidades. Em setembro de 2005, participamos de uma gincana cultural promovida por uma empresa alimentícia. Éramos a única escola pública do concurso e ficamos em segundo lugar”, comemora o professor. O projeto continua e se renova a cada ano com a participação de mais estudantes.

Mão amiga

A escola Professora Maria Bandarra Westphalen tem difíceis desafios. Situada em uma região considerada violenta na cidade de Cruz Alta (RS), trabalha com alunos em risco social que, entre muitas dificuldades, lutam contra o insucesso escolar. Por isso, o projeto “Reforço escolar” esconde uma ambição muito maior do que o nome sugere: além de novas possibilidades para aprender, pretende oferecer aos alunos oportunidade de inclusão.

Cidade Cruz Alta (RS)

Nome da escola Professora Maria Bandarra Westphalen

Rede Estadual

Projeto Reforço escolar

Palavras-chave reforço escolar; participação

Ponto forte mostra que a participação como monitores promove a integração de alunos e melhora o interesse pela escola

Segundo a diretora, há grande incidência de roubos no bairro. Como a escola é uma referência para os moradores – que, nos fins de semana, também podem participar de atividades e oficinas –, a diretora começou a pensar em uma atividade que evitasse o envolvimento dos alunos com o mundo do crime e incentivasse a participação nas atividades pedagógicas. Muitos alunos das séries iniciais do ensino fundamental apresentavam dificuldades para ler e escrever, o que complicava o avanço nos estudos.

Depois de uma conversa com professores da 8ª série, foram indicados alunos que poderiam se interessar pelo projeto de monitoria auxiliando alunos menores na aprendizagem da língua portuguesa. Dez alunos aceitaram de imediato e foram capacitados pelos professores para que pudessem, em encontros de 30 minutos, esclarecer dúvidas das crianças, ajudando-as na solução de tarefas de casa.

“Esse atendimento é muito importante. Percebemos que, às vezes, o aluno só precisa de mais atenção do educador, o que nem sempre é possível em sala de aula. Com o reforço escolar eles deslancham, pois têm a chance de falar o que não entenderam e ter uma relação mais próxima com o orientador”, comenta a diretora. Todo o trabalho, cuja próxima etapa é a inclusão de alunos da 7ª série, tem o acompanhamento dos professores. “São ações simples, mas de grande valia”, diz.

O aluno faz a escola

Dizer que uma escola também é feita por alunos chega a ser redundância no Colégio João Bettega, em Curitiba (PR). Lá a participação dos alunos não se restringe às atividades em sala: eles participam de projetos de reforço escolar, auxiliam na manutenção da disciplina, organizam filas, desenvolvem atividades de lazer para todos... enfim, dão uma vida diferente ao colégio, desde que se iniciou o projeto “Amigão Bettega”.

Cidade Curitiba (PR)

Nome da escola João Bettega

Rede Estadual

Projeto Amigão Bettega

Palavras-chave reforço escolar; disciplina; lazer

Ponto forte participar de atividades com estudantes menores em turno complementar faz com que adolescentes se sintam mais responsáveis

A atividade que motivou uma ação mais ampla e estruturada foi uma capacitação com o objetivo de tornar os estudantes multiplicadores do tema “sexualidade na adolescência”. A partir daí, um novo projeto foi proposto pelo diretor para que alunos do ensino médio, que têm aulas de manhã, pudessem contribuir para o bom funcionamento da escola no período da tarde – quando funciona o ensino fundamental (5ª e 6ª séries) – e se sentissem responsáveis pelos “irmãos menores”.

Além das tarefas relativas à organização da escola, os alunos também desenvolvem atividades de lazer nos intervalos, tais como jogos esportivos e apresentações de dança. A cada semana mudam os ritmos apresentados: dance music, hip hop, axé, regionais, pagode.

Um dos frutos do trabalho, segundo o diretor, é o despertar do espírito de liderança dos alunos. “Já aconteceu de alunos que não vão bem em aula se mostrarem ótimos exemplos nessas atividades”, diz. Além disso, conta o diretor, a auto-estima desses voluntários mantém-se em alta, a comunidade fica satisfeita com essa integração e a escola caminha com mais harmonia e respeito.



O valor do tempo

Pensando na permanência da criança e do adolescente na escola, assistindo-os em suas necessidades básicas e educacionais, resgatando a auto-estima e ampliando o aproveitamento escolar e a aprendizagem, professores da escola Guerino Cavalli, em Espumoso (RS), iniciaram o projeto “Desenvolvendo valores e promovendo auto-estima”, que conta com a participação de professores, alunos, pais e membros da comunidade.

Cidade Espumoso (RS)

Nome da escola Guerino Cavalli

Rede Municipal

Projeto Desenvolvendo valores e promovendo auto-estima

Palavras-chave educação integral; oficinas; comunidade

Ponto forte diversificar e ampliar as atividades pedagógicas oferecidas, fortalecendo a relação escola-comunidade

Com uma pesquisa que buscou descobrir o que mais despertaria o interesse dos envolvidos, a comunidade escolar escolheu as atividades que seriam desenvolvidas. E deu certo. Eles optaram por oficinas pedagógicas de pintura, bordado, canto, música, dança e teatro, além de atividades esportivas, como futsal e futebol de campo.

As atividades acontecem principalmente no turno inverso às aulas, de segunda a sexta, mas há também algumas no fim de semana, no melhor exemplo de integração escola-comunidade. Além de oferecer educação no turno regular, a escola passou, assim, a acolher os estudantes de forma completa. E, com o projeto estruturado pela escola, os voluntários sabem como atuar.

Coordenado pela direção, o projeto é voltado para crianças e adolescentes de famílias de baixo poder aquisitivo, com o objetivo de lhes dar ensino de mais qualidade, em todas as áreas do conhecimento, ampliando a base curricular com metodologias diversificadas e oferecendo opções de lazer e cultura.

Uma escola, de fato, para todos

Pode-se dizer que, no Colégio Nossa Senhora da Providência, em Miranorte (TO), os alunos que faltam muito às aulas recebem uma mãozinha angelical. Isso porque, desde 2002, o absentéismo escolar vem sendo o objetivo principal do projeto “Anjos da escola”, em que alunos e pais oferecem um suporte mais próximo aos faltosos.

Cidade Miranorte (TO)

Nome da escola Nossa Senhora da Providência

Rede Estadual

Projeto Anjos da escola

Palavras-chave abandono escolar; frequência; família

Ponto forte escola e comunidade se aproximam, envolvendo todos e motivando alunos

A idéia do projeto, implantado em 2002, partiu da coordenadora pedagógica, e os resultados alcançados são bastantes significativos, já que, nos três últimos anos, a escola conseguiu reduzir não só a evasão e a repetência mas também a distorção idade-série.

A cada início de ano é definida a equipe de alunos que, em cada classe, integrarão o projeto. Alguns pais participantes também são convidados, e todos colaboram voluntariamente. Os alunos acompanham a frequência dos colegas nas aulas e, quando um problema é detectado (por exemplo, uma seqüência de cinco faltas), pronto: lá vão os “anjos” à casa de quem está se afastando da escola, para descobrir o que está acontecendo.

A partir do diagnóstico, o grupo também oferece ajuda para resolver o problema. Frequentemente o segredo para o sucesso está em muita conversa. Sempre que um dos alunos retorna à comunidade escolar, todos os outros procuram recebê-lo com alegria, para que ele possa permanecer na escola com sucesso. Quando, por exemplo, há algum tipo de dificuldade maior de abordagem, torna-se fundamental a parceria com órgãos públicos – o Conselho Tutelar e a Promotoria Pública.

O controle das atividades é registrado em fichas de visitas e relatórios mensais dos alunos participantes do projeto. Os protagonistas participam ativamente do Conselho de Classe e de reuniões mensais para discutir os sucessos e dificuldades das turmas.

Com essa iniciativa, o colégio vem diminuindo significativamente os índices de abandono, repetência e baixo rendimento escolar. Mas não é só isso. A mobilização também faz com que se reflita sobre a importância do máximo aproveitamento escolar e, ao mesmo tempo, mostra que todos são responsáveis pela construção de uma escola mais forte e engajada.

Xeque-mate educativo

Quem acredita que xadrez é um jogo só para gênios pode rever seus conceitos. Por acreditar no potencial desse esporte de desenvolver habilidades como atenção, memória, raciocínio lógico, inteligência e imaginação, a escola Padre Manoel de Paiva Netto, de Petrolina (PE), criou em 2004 o “Clube de de xadrez Paiva Netto” e tem tido resultados positivos para a educação.

Cidade Petrolina (PE)

Nome da escola Padre Manoel de Paiva Netto

Rede Estadual

Projeto Clube de xadrez Paiva Netto

Palavras-chave xadrez; aprendizado; convivência em grupo

Ponto forte usa as qualidades do xadrez para provocar a aquisição de habilidades cognitivas

A idéia é aproveitar as qualidades do xadrez para transformar o espaço escolar em um lugar mais atrativo para alunos com indisciplina, falta de concentração ou baixa auto-estima. Segundo os coordenadores do projeto, o aprendizado de xadrez, orientado para a resolução de problemas, propicia ao aluno a oportunidade de analisar, avaliar e propor alternativas de solução às situações da vida diária. Ademais, permite que o aluno respeite o próximo, perceba a existência de limites e saiba administrar o tempo.

O clube foi criado por uma professora, um ex-aluno e um morador da comunidade, mas o grupo logo se ampliou – menos de um ano depois, já eram 84 membros ativos, dos quais quatro com deficiência. Participam alunos e ex-alunos, mas a proposta é abrir-se também para a participação de professores e pais de alunos.

O trabalho começou ao se ensinar xadrez para alunos que estavam com horário vago, e estes começaram a participar de torneios e a trazer troféus e medalhas. Durante algum tempo, os jogos eram realizados com peças emprestadas. Então, para captar recursos, foi criado o “Cine Paiva Netto”, que funciona aos sábados, com três sessões por fim de semana, com uma taxa de R\$ 0,50.

Além de viabilizar a aquisição de peças e custear outras despesas do clube de xadrez, o cinema propiciou a abertura da escola para a comunidade, oferecendo cultura não apenas pela tela mas, sempre que possível, por debates a respeito do filmes exibidos.

O xadrez ganhou importância na escola – as aulas, que antes aconteciam na biblioteca, agora têm uma sala específica. Segundo os coordenadores do projeto, os participantes conseguem administrar melhor suas perdas e ganhos, e quem apresentava dificuldade de convivência em grupo se tornou mais responsável, agindo com compromisso e respeito.

O projeto que define a escola

O envolvimento de todos por uma causa não é novidade no Centro Educacional de Planalto (BA). Todo ano a escola desenvolve um grande projeto interdisciplinar que, ao reunir professores, alunos e outras pessoas engajadas, permite-a nortear sua prática pedagógica e faz com que algumas atitudes sejam modificadas.

Cidade Planalto (BA)

Nome da escola Centro Educacional de Planalto

Rede Estadual

Projeto Meio ambiente e construção da cidadania

Palavras-chave interdisciplinaridade; campanhas educativas; meio ambiente

Ponto forte o projeto não apenas é definido pela prática pedagógica da escola mas também pode, com a participação de todos, modificá-la

Em 2005, foi o caso do projeto “Meio ambiente e construção da cidadania”, que partiu da constatação de que houve uma mudança de paradigma na questão ambiental: o homem que destruía começa a ter consciência de que a não-preservação do ambiente afeta também a vida. Mas, enquanto alguns diminuem a emissão de poluentes na atmosfera ou fazem coleta seletiva de lixo, muitos ainda não se preocupam.

Alguns professores formaram o grupo de trabalho inicial. Após o primeiro esboço, outros foram convocados para a elaboração da versão final, que

também contou com sugestões de alunos. O projeto estabeleceu diversos objetivos, entre eles o de conscientizar o educando e a comunidade de que a preservação do meio ambiente traz benefícios para toda a população.

Inicialmente, o tema foi dividido em subtemas para facilitar o trabalho durante o ano. São muitas as ações planejadas, por exemplo um seminário com a participação de professores e alunos, palestras de pessoas da área da saúde e da Secretaria de Desenvolvimento Rural, formação de grupos de estudo, campanhas educativas e edição do jornal da escola, o *Jocep*, com textos produzidos pelos alunos.

Com o projeto, a escola pretende que os alunos e a comunidade mudem de atitude em relação ao meio ambiente e que a cidadania seja construída de forma consciente e gradual, para que todos cumpram seus deveres, exerçam seus direitos e, ainda mais, respeitem os dos outros.

No princípio da vida, a informação

Em 2002, um professor do Colégio Pontagrossense, hoje coordenador de projetos, atento à questão da gravidez na adolescência, teve uma idéia: aproximou-se de algumas alunas que se mostravam responsáveis e propôs o projeto “Menarca de promoção à saúde”, com o objetivo de levar informações úteis a garotas de 12 a 15 anos. Na comissão de frente do processo não estariam adultos dando conselhos, mas adolescentes de 13 a 16 anos, em linguagem própria.

Cidade Ponta Grossa (PR)

Nome da escola Colégio Pontagrossense

Rede Particular

Projeto Menarca de promoção à saúde

Palavras-chave conscientização; educação sexual; gravidez na adolescência

Ponto forte fórmula que contribui para o êxito do projeto e incentiva o protagonismo das voluntárias

Desde então, o trabalho fundamenta-se basicamente em palestras divididas em dois módulos. No primeiro, as ouvintes adquirem conhecimento sobre o corpo humano e aproveitam para esclarecer dúvidas e conversar com as palestrantes. “Chamamos essa fase de ‘estabelecimento do laço de confiança’. Daí em diante a conversa fica mais fácil”, explica o coordenador. No segundo dia, os temas são mais densos. São abordados assuntos como DSTs, menstruação, câncer de colo de útero, câncer de mama e métodos contraceptivos.

Para não inibir as garotas, o professor não participa dos encontros e mantém um acordo. “Só faço a apresentação inicial e prometo às meninas sigilo absoluto sobre tudo o que for

abordado na conversa. Também peço que os adultos saiam da sala, para que elas fiquem mais à vontade”, conta. Com esses pequenos gestos, ele e sua equipe conseguem a confiança e estreitam laços de amizade entre as ouvintes.

No começo do projeto eles tinham de entrar em contato com escolas da região e se oferecer para ministrar as palestras. Agora a escola mantém uma agenda de palestras, com fila de espera. De setembro de 2002 a dezembro de 2004, foram atendidas 2.850 meninas.

O projeto foi ganhando fôlego e despertou a curiosidade das pessoas. Passou a contar, também, com a parceria da Unimed de Ponta Grossa (PR). A empresa, além de custear as despesas de transporte das palestrantes, também oferece orientação psicológica e dicas para que as meninas possam administrar situações difíceis e embaraçosas.

Para tudo dar certo, o coordenador pensou em vários detalhes. O primeiro foi o recrutamento das alunas palestrantes, selecionadas com base nas respostas dadas na ficha de inscrição e na atitude delas no colégio. As aprovadas passaram para a segunda fase: assistir às palestras para saber se é o que realmente querem fazer. A etapa final é a capacitação. Nesse período, elas aprendem alguns conceitos e a abordar assuntos delicados. Depois, têm a liberdade de encontrar uma linguagem própria para retransmiti-los. “Isso é muito importante, porque elas passam a conversar de igual para igual. Não há barreira de idade, e elas muitas vezes compartilham sentimentos semelhantes.”

Extra! Capacidade de superação vira notícia!

É fascinante a capacidade de realização das pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais, certamente muito superiores do que o senso comum imagina. É isso o que prova a experiência da escola Anahy Navarro Trovão, em Praia Grande (SP), com a elaboração do jornal “Folha do Anahy”.

Cidade Praia Grande (SP)

Nome da escola Anahy Navarro Trovão

Rede Municipal

Projeto Folha do Anahy

Palavras-chave jornal; leitura; alunos com necessidades especiais

Ponto forte além dos aspectos cognitivos desenvolvidos, o projeto ganhou dimensão com as parcerias, que permitem a distribuição do material produzido

Especializada em pessoas portadoras de necessidades especiais, a unidade escolar atende, desde 1996, mais de 160 alunos de idades variadas, de 4 a 45 anos. São pessoas com diferentes necessidades especiais, desde problemas físicos até paralisia cerebral.

Em 2000, a direção decidiu tornar público os fatos que ocorriam na unidade escolar. “Gostaríamos de fazer um jornal que contasse um pouco dos projetos desenvolvidos na escola e a agenda dos próximos eventos”, conta a diretora, referindo-se às oficinas de arte desenvolvidas com os alunos.

Há vários benefícios envolvidos, entre eles a formação do hábito de leitura de jornais, o desenvolvimento do pensamento crítico, lógico e criativo e a melhoria do processo de aprendizagem, já que os alunos exercitam habilidades como atenção, observação, argumentação, síntese, indução e dedução.

A equipe do “Folha do Anahy” é formada por 20 alunos e liderada por um estudante com maior mobilidade e independência, ou seja, que consegue realizar as entrevistas e preparar pautas e textos. O jornal é semestral e distribuído no município. No começo eram 1.000 exemplares, agora são 3.000.

Em reuniões semanais das turmas envolvidas, são abordados os temas das matérias que serão publicadas, as idéias e dicas de outras turmas, a utilização do espaço e a divulgação de projetos e campanhas da unidade, entre outros assuntos. Participam dessa reunião os professores e um repórter voluntário.

No início, tudo era improvisado, feito no computador da escola e impresso de forma caseira. Isso mudou quando surgiu a idéia de procurar patrocínio. O primeiro “Amigo da Escola” que apoiou a idéia foi o proprietário de uma rádio e um jornal da cidade. Desde então ele é voluntário no projeto, orientando os alunos no processo de elaboração do periódico e bancando a impressão. Outros patrocínios vieram, e com eles novos recursos materiais. Imobiliárias, dentistas, restaurantes e salão de cabeleireiros, entre outros, começaram a colaborar com recursos financeiros.

Com o projeto, conseguiu-se despertar o hábito da leitura e o interesse dos alunos pelos fatos que acontecem na escola. Por sua vez, os estudantes-repórteres sentiram a auto-estima elevada e provaram para si mesmos que são capazes de se comunicar com pessoas que não vivem próximas a eles.

O saber que é de todos

“O projeto propicia que aproveitemos ao máximo este ambiente, esta idade, este tempo que estamos vivendo. Quando passo conhecimentos para um colega, eu os consolido em mim.” É assim que Ático Emanuel, de 16 anos, aluno do 2º colegial, define a importância do projeto de monitoria “União faz a força”.

Cidade Salvador (BA)

Nome da escola Professora Maria Anita

Rede Estadual

Projeto União faz a força

Palavras-chave monitoria; participação; leitura e escrita

Ponto forte além do diagnóstico e da metodologia de projeto, aplica de modo eficaz a idéia de que aprendemos mais quando ensinamos

Desenvolvido pelo colégio Professora Maria Anita, no subúrbio ferroviário de Salvador (BA), o projeto nasceu de uma pesquisa que diagnosticou muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, impossibilitados de acompanhar o ritmo das aulas. O passo seguinte foi montar um grupo de estudos, composto por alunos com bom desempenho, para atuar como monitores dos colegas.

Todas as atividades, incluindo a elaboração e a implantação do projeto, foram realizadas pelos jovens, que atuam sob a liderança de outro grupo, também de estudantes, responsável pela sistematização e coordenação do trabalho.

Tamanho grau de organização decorre da importância que a escola dá ao desenvolvimento do protagonismo juvenil, que até mesmo faz parte do currículo, visto como forma de atrair a participação dos alunos e de despertar o interesse pelo estudo, alimentando conteúdos básicos, como leitura, escrita e linguagem.

A confiança que a direção investiu na atuação autônoma dos alunos foi um dos fatores que possibilitaram o bom desenvolvimento das ações. Na avaliação da equipe, o projeto tem ajudado a combater o alto índice de reprovação. A idéia é abrir para toda a comunidade o programa de reforço escolar.

Com esse projeto, a escola amplia seu acervo de experiências bem-sucedidas. Com grande presença na mídia baiana, o colégio participa de programas do Instituto Ayrton Senna e da Microsoft e é uma referência de gestão escolar.

A linguagem da inclusão

Jovens surdos ensinam Libras (Língua Brasileira de Sinais) para crianças e familiares. Essa é a história de sucesso do trabalho educativo da escola de educação especial Vera Lúcia Aparecida Ribeiro, em São Paulo (SP). No projeto “Monitoria”, adolescentes surdos da 5ª à 8ª série atuam voluntariamente, fora de seu horário de aula, como monitores de Libras para crianças surdas a partir de 3 anos de idade provenientes de classes especiais ou de inclusão, promovendo a integração social desses pequenos estudantes na família e na escola.

Cidade São Paulo (SP)

Nome da escola Professora Vera Lúcia Aparecida Ribeiro

Rede Municipal

Projeto Monitoria

Palavras-chave deficiência auditiva; Libras; português

Ponto forte permite o desenvolvimento intelectual de crianças surdas em língua de sinais e português escrito

A atividade surgiu em 2002, como parte do projeto político-pedagógico da escola. Um dos objetivos principais é aplicar a proposta de educação de surdos embasada no modelo bilíngüe, ou seja, adquirir a Libras como primeiro idioma e ensinar a língua portuguesa escrita como segundo.

De acordo com a coordenadora pedagógica da escola, se o direito lingüístico do surdo for respeitado, seu desenvolvimento intelectual será equiparado ao de qualquer criança ouvinte. Assim, a criança surda deve ser exposta à língua de sinais o mais cedo possível, para que possa adquiri-la como primeira língua.

No início, os educadores contaram com assessoria pedagógica financiada pela prefeitura. Depois, buscaram outras fontes de informação, ainda restritas, algumas delas provenientes de publicações suecas oferecidas por uma professora universitária, e adotaram a proposta na escola. Inicialmente implantaram o sistema em três classes – hoje são 18.

Os adolescentes surdos da 5ª à 8ª série trabalham voluntariamente fora de seu horário de aula como monitores das crianças da escola – alunos da educação infantil e das séries iniciais, a partir de 3 anos de idade, ou com os provenientes de classes especiais e de inclusão que enfrentaram insucessos nesta tentativa.

O projeto é realizado com o apoio de obras literárias e contribui para o processo de letramento, estimulando o interesse pela língua portuguesa escrita – ensinada na escola por professores especialistas – como segunda língua. O processo envolve a escolha da história a ser trabalhada e sua montagem com recursos cênicos e multimídia.

Como resultado, a escola vem percebendo progressiva ampliação do vocabulário das crianças em Libras, maior interesse por leitura e escrita, desenvolvimento da comunicação e aumento da auto-estima e da autonomia, construindo, assim, a identidade surda de crianças e adolescentes que se percebem como diferentes, sujeitos visuais, e não mais deficientes.

Prazer em aprender

Uma receita de sucesso foi experimentada, aprovada e está a todo vapor na escola Professora Maria José de Nazaré F. Lima, em Tartarugalzinho (AP). Depois de perceber seus alunos quase sempre improdutivos e sem motivação durante as aulas regulares de sábado, a diretora da escola propôs-se a mudar esse quadro.

Cidade Tartarugalzinho (AP)

Nome da escola Professora Maria José de Nazaré F. Lima

Rede Estadual

Projeto Sábado de lazer e cultura

Palavras-chave frequência escolar; fim de semana; recreação

Ponto forte os alunos constroem as atividades do fim de semana e, assim, vêem-se como protagonistas na comunidade escolar

Buscando a adesão de professores, alunos e pais, ela planejou e implantou o projeto “Sábado de lazer e cultura”, que passou a oferecer atividades recreativas – com a condição de que estejam sempre próximas do conteúdo didático. A participação dos alunos continua obrigatória (afinal, trata-se de dias letivos), mas eles estão livres para participar das atividades de que mais gostam.

O projeto acontece dois ou três sábados por mês e oferece, por exemplo, aulas de culinária, em que as crianças aprendem receitas e as levam às suas famílias, mas, sobretudo, trabalham questões como higiene e cuidados com o ambiente. Durante os jogos de futebol, os alunos são incentivados a observar questões como o respeito às regras e aos adversários, bem como o trabalho em equipe. Outras atividades oferecidas são dança folclórica, artes plásticas e queimada.

Um aspecto importante é que o projeto foi construído coletivamente. Antes de implantá-lo, a diretora passou de sala em sala para perguntar a todos de que tipo de atividades gostariam de participar aos sábados. O projeto deslanchou, com resultados positivos, aumentando a frequência dos alunos.



Parcerias no voluntariado educativo

Quando os problemas são comuns a todos, não faz sentido isolar-se na busca da solução. A duplicação de esforços apenas provoca aumento de custo, retardamento e enfraquecimento dos resultados. É fundamental, portanto, que haja o estabelecimento de redes e parcerias.

As organizações educacionais, sociais e governamentais, fazendo parte do mesmo contexto social, cultural e econômico, não podem ser diferentes das demais organizações. Para enfrentar os novos desafios e alcançar um crescimento conjunto, é necessário participar de uma rede de apoio mútuo.

A educação para a solidariedade é tarefa de todos, dentro e fora da escola. Assim, todos podem ser protagonistas e participar de um projeto de voluntariado educativo. Na equipe escolar: alunos, professores, coordenadores, diretores e outros funcionários; na comunidade: familiares, estabelecimentos comerciais, hospitais, órgãos públicos, organizações sociais, outras escolas.

Atuar em rede, estabelecendo parcerias, é reconhecer o fato de que juntos, mediante a combinação de talentos e esforços, é possível fazer mais e melhor. Por isso, além do importante envolvimento de professores, coordenadores, diretores e outros atores da escola, vale destacar o potencial positivo da contribuição oferecida pela comunidade.

A idéia central aqui é a de comunidade educativa. A educação deixa de ser vista como obrigação apenas da escola e passa a ser assumida por toda a comunidade.

Da altura dos nossos ideais

Adolfo, uma pequena cidade a 494 km de São Paulo, com apenas 3.942 habitantes, pode orgulhar-se de um grande feito: lá, alunos da escola Professora Ruth dos Reis conseguiram plantar, em apenas três anos, mais de uma árvore por habitante. Entre 2001 e 2004, foram 4.000 mudas de árvores nativas plantadas em solo que eles próprios prepararam.

Cidade Adolfo (SP)

Nome da escola Professora Ruth dos Reis

Rede Municipal

Projeto Plantando uma boa idéia

Palavras-chave arborização; mata atlântica; conscientização

Ponto forte a percepção de que a comunidade escolar pode fazer algo para mudar a realidade, apesar do tamanho do desafio

Esse foi apenas o primeiro resultado do projeto “Plantando uma boa idéia”, motivado pela constatação de que a cidade mantinha apenas pouco mais de 3% da cobertura original de mata atlântica – a cidade, em outras épocas, teve mais de 21 mil hectares de vegetação nativa, contra apenas 700 hectares no início do projeto.

Tudo começou quando, em 2000, a proprietária da Fazenda Minerva procurou a prefeitura da cidade para manifestar sua indignação diante da destruição de uma reserva de mata atlântica por moradores da região. O prefeito convidou a escola e, da parceria entre a fazenda, a escola e a prefeitura, nasceu o projeto.

Para coordenar as tarefas, foram convidados inicialmente os alunos identificados como líderes que exerciam na maioria das vezes influência negativa. “Fizemos isso para que eles percebessem a importância do projeto. E deu certo. Eles são os que mais ajudam”, conta o vice-diretor da escola. A escola também conseguiu envolver professores, pais, outras escolas, profissionais da agronomia e instituições como a Polícia Ambiental, a Polícia Civil, a Polícia Militar, a Sabesp e a Casa da Agricultura.

São 773 alunos envolvidos, da 1ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, e os professores aproveitam o projeto no processo de ensino-aprendizagem. Em geografia, ensinam topografia e tipos de solo; em matemática, estatística; em história, a cultura local; em ciências e biologia, o ecossistema, as aves migratórias, as árvores nativas.

O próximo passo é ampliar os projetos na área de cidadania, buscando conscientizar a população da cidade, trabalhar contra o desperdício, aumentar a área reflorestada e identificar com etiquetas cada uma das espécies. Ao mesmo tempo, a escola pretende continuar conjugando a ação voluntária com a aprendizagem efetiva, uma vez que as ações possibilitam diversos projetos interdisciplinares. Também se pretende uma parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O projeto já foi selecionado entre os melhores da diretoria de ensino e recebeu apoio financeiro da secretaria.

As ações não têm fim. No final de 2005, mais 6.000 mudas foram plantadas. As primeiras já têm 6 metros de altura– mas ainda são muito menores que os sonhos da escola...

A força que nasce da união

Quase não havia árvores na nascente do córrego Santo Antônio, que fica próxima da escola Eunice Weaver, em Araxá (MG). Pior ainda: as águas da nascente estavam à beira da contaminação, pois havia muito lixo por perto e ninguém se importava com sua manutenção. Essa realidade motivou a professora de ciências e agricultura a elaborar o projeto “Recomposição da nascente”.

Cidade Araxá (MG)

Nome da escola Eunice Weaver

Rede Municipal

Projeto Recomposição da nascente

Palavras-chave nascente de rio; arborização; pesquisas

Ponto forte a parceria com o poder público, fundamental para realizar as transformações almejadas

Como primeiro passo, ela propôs o projeto aos professores da escola e a cem alunos da 5ª à 8ª série. O grupo aceitou. Logo foi realizada uma visita ao local, e todos começaram a sugerir atividades. As etapas seguintes foram o planejamento de ações e a busca de parceiros e da comunidade.

A força da comunidade escolar levou à mobilização de empresas públicas e privadas: foram firmadas parcerias com a Secretaria de Fomento Agropecuário, com a Emater-MG (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais) e com o IEF (Instituto Estadual de Florestas). A própria comunidade participou, doando mudas para o reflorestamento da área.

Com recursos e parceiros, o grupo de trabalho partiu para a ação. Limpou o local e, depois, plantou mudas. Em seguida, acompanhou o desenvolvimento das plantas. Uma vez por semana, durante a aula de agricultura, professora e alunos vão à nascente para verificar a evolução do projeto de preservação.

“Fazemos o acompanhamento não só para saber se as mudas estão crescendo, mas também para outros estudos – por exemplo, as épocas do ano em que o volume de água aumenta ou diminui”, explica a professora. Com os dados em mãos, os alunos elaboram gráficos e planilhas.

Esse processo, que começou em 2004, já virou rotina. Os professores notaram que os jovens passaram a se preocupar mais com as questões ambientais e, quando há recesso no projeto, até reclamam. “Já faz parte do dia-a-dia deles”, diz a docente.

Como resultado, a nascente foi reativada, o trabalho voluntário se fortaleceu e os alunos estão mais conscientes e pró-ativos: quando têm oportunidade, orientam a população local sobre a preservação da natureza. A escola agora pretende estender o projeto para outras nascentes.

Mudar o comportamento, mudar o mundo

“Um galo sozinho não tece uma manhã.” Esse verso, de um poema de João Cabral de Mello Neto, imortalizou a força da coletividade e representa o trabalho que vem sendo desenvolvido pela escola Princesa Isabel, em Boa Vista (RR). A escola integra um conjunto de forças sociais que vêm trabalhando pelo ambiente no projeto “Rio Branco, rio limpo”.

Cidade Boa Vista (RR)

Nome da escola Princesa Isabel

Rede Estadual

Projeto Rio Branco, rio limpo

Palavras-chave rios; coleta de lixo; conscientização

Ponto forte instituições parceiras levam à escola uma nova forma de encarar o tema ambiental e demonstram que mesmo de fora é possível contribuir para a educação

Envolvendo o Ibama, o Departamento Estadual do Meio Ambiente, a Secretaria Municipal de Gestão Ambiental e Assuntos Indígenas e a Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, bem como alunos da Universidade Federal de Roraima, o projeto visa sensibilizar, conscientizar e motivar a comunidade para ações de preservação do meio ambiente, trabalhando questões como a coleta de lixo e, principalmente, o cuidado com os principais rios da cidade: o rio Branco e o rio Cauamé.

Todos os órgãos envolvidos levam à escola materiais didáticos e estratégias de estudo, além de promover palestras de conscientização – para as quais as famílias também são convidadas – e dar suporte às propostas apresentadas. Os alunos, da 1ª à 4ª série, são os difusores do conhecimento, levando a seus pais, irmãos e vizinhos conceitos ligados à conservação ambiental. Ao longo de um semestre, fizeram visitas de estudo ao rio e apresentaram seus trabalhos em uma feira de ciências.

Na Escola Estadual Princesa Isabel, o projeto está ligado ao desenvolvimento de diferentes disciplinas, nas quais crianças e jovens percebem a importância do rio não apenas para o ambiente natural, mas para o turismo, para o desenvolvimento econômico e até para o estímulo às práticas esportivas. Aprendem, sobretudo, que promover a mudança de comportamento pela educação é uma das formas mais efetivas de melhorar o mundo.



A ponte entre a natureza e o conhecimento

Palestras educativas, caminhadas ecológicas, mutirões, reciclagem, produção de cartilhas e até um livro foram alguns momentos de um projeto que marcou a história da escola Mariema Paz.

Cidade Campo Maior (PI)

Nome da escola Mariema Paz

Rede Municipal

Projeto Cidade limpa, cidade linda

Palavras-chave conscientização; ecologia; reciclagem de lixo

Ponto forte esforço da comunidade escolar para atuar fora de seus limites físicos e transformar, para melhor, a realidade da cidade

O diagnóstico inicial partiu da constatação de que o desrespeito ao ambiente não se restringe a florestas, mares e rios: começa dentro da escola e chega à comunidade em que ela está inserida. Assim, professores e alunos se propuseram a sensibilizar os habitantes de Campo Maior, formando verdadeiros multiplicadores da preservação ambiental, com o projeto “Cidade limpa, cidade linda”. Cientes da importância de registrar o projeto – para que possa ser divulgado, avaliado e melhorado – seus participantes registraram todas as etapas em fotos, fitas de vídeo e material escrito.

Para realizar o trabalho, a escola contou com uma parceria importante: a Fundação Cultural Professora Ludetana Araújo, que se encarregou de enviar à escola diversos materiais pedagógicos, entre livros e cartilhas.

Depois de tomar contato com o problema, professores e alunos deram início às atividades. Desde então, todos os anos a escola faz uma grande passeata, no dia 5 de junho (Dia do Meio Ambiente), com o objetivo de conscientizar a comunidade local e a população da cidade. Com lixo reciclável, os alunos fazem brinquedos e jogos, vendidos na passeata, juntamente com camisetas e livros. Depois, o dinheiro é utilizado na organização dos eventos na semana das crianças.

O projeto evoluiu e gerou o livro *Campo poético*. Alunos da 4ª série que ainda apresentavam defasagens no desenvolvimento da leitura e da escrita foram convidados a escrever textos sobre temas diversos – entre eles, o meio ambiente. Durante o trabalho, a escola recebeu a visita de escritores e poetas da Academia de Letras de Campo Maior, que deram palestras ao longo do ano e ajudaram a selecionar e organizar os textos para o livro, que terá uma nova edição.

Professores, pais e alunos mudaram de atitude e se tornaram agentes conscientes de seu papel na preservação do meio ambiente.

Cultivando a qualidade ambiental

A cidade de Farias Brito (CE) vive hoje um desafio que está no centro das preocupações de ambientalistas de todo o mundo. Sofre com a falta de água, o desmatamento e o uso indiscriminado de pesticidas, o que afeta a saúde dos agricultores e consumidores e deteriora rios e reservatórios naturais. Tudo poderia estar pior, se não fosse a atuação dos voluntários da escola Evaldo Gonçalves Pinho, que elaboraram e implantaram o projeto “Uso indevido de agrotóxicos”.

Cidade Farias Brito (CE)

Nome da escola Evaldo Gonçalves de Pinho

Rede Municipal

Projeto Uso indevido de agrotóxicos

Palavras-chave agricultura; agrotóxicos; conscientização

Ponto forte a comunidade escolar sensibilizou um órgão público a informar a população sobre riscos relacionados a agrotóxicos

O trabalho tem diversas frentes. O grupo de trabalho, formado por professores, alunos, comunidade e agentes rurais, procura mostrar aos pequenos agricultores alternativas para combater as pragas, como o cultivo orgânico.

Ao longo de 2005, depois de trabalharem com o tema em sala de aula, professores e alunos procuraram a Ema-terce (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e elaboraram um curso voltado para esse problema. Além disso, sensibilizaram o órgão, incentivando-o a fornecer à comunidade informação sobre como reduzir danos ambientais e sobre possíveis riscos à saúde relacionados à lavoura de tomate.

No percurso do esclarecimento da população, os alunos da escola tiveram inúmeras oportunidades de aprendizagem e de expressão oral e escrita. Em matemática, puderam calcular dosagens, pesos e medidas. Em ciências, o assunto principal foi o conhecimento do meio ambiente e o equilíbrio dos ecossistemas. O projeto se reflete até no campo da cultura e da arte: terá agora um grupo de teatro, que desenvolverá peças sobre a temática ambiental.

O projeto é um excelente exemplo de voluntariado educativo, do qual alunos, professores e comunidade participam, de modo a solucionar questões socioambientais e permitindo a contextualização dos saberes escolares a partir de problemas reais.

Os igarakuês agradecem

Com 64 quilômetros de praias, onde vive uma população majoritariamente formada por pessoas com atividades econômicas ligadas à pesca, Icapuí (CE) tem entre seus habitantes mais ilustres o ameaçadíssimo peixe-boi, que habita os manguezais da região, por onde passa o rio da Barra Grande. Trata-se de uma área onde, apesar da beleza, a natureza está em risco: o mangue sofre com salinas e fazendas de criação de camarões.

Cidade Icapuí (CE)

Nome da escola Professor Gabriel Epifânio dos Reis

Rede Estadual

Projeto Igarakuê

Palavras-chave peixe-boi; mangue; campanhas educativas

Ponto forte as parcerias e a ampla mobilização na comunidade escolar sensibilizaram a população a mudar a atitude com relação ao mangue

Em 2002, a defesa desse delicado ecossistema ganhou o reforço de voluntários da escola Professor Gabriel Epifânio dos Reis. Sensibilizados com a situação, todos os alunos, pais e professores organizaram-se para fazer algo em defesa do mangue. Em homenagem às famílias de peixe-boi que teimam em habitar a região, o grupo passou a ser chamado de “Igarakuê” (expressão tupi-guarani que significa “peixe-boi”).

Uniram-se ao grupo agentes ambientais e jovens da comunidade, e foram iniciadas ações de capacitação, estudos, campanhas educativas, semanas do meio ambiente, trilhas e programas educativos para rádio. Além disso, em parceria com entidades não-governamentais e apoiados por um técnico ambiental, os alunos estudaram o manguezal e resolveram replantar vegetação nas áreas degradadas.

O “Igarakuê”, que teve parceria com a Secretaria do Meio Ambiente, serviu de referência para muitos outros projetos desenvolvidos e ganhou visibilidade nacional pela imprensa. Mas o melhor fruto desse trabalho, segundo a escola, foi ter chamado a atenção dos habitantes da região para a agonia sofrida pelo mangue, provocando uma mudança de atitude entre os alunos e a comunidade. “Eu me sinto satisfeita por fazer minha parte pelo meio ambiente”, reforça uma das alunas, que participa desde o início.

As raízes dos sonhos

Nem sempre uma grande frustração é sinônimo de ponto final. Às vezes, um choque de realidade faz brotar uma ação maior e mais realista. Assim foi com o projeto “Plantar é renascer”, desenvolvido por alunos e professores da Escola Agrícola Comendador João Marchesi, em Jussara (GO).

Cidade Jussara (GO)

Nome da escola Escola Agrícola Comendador João Marchesi

Rede Municipal

Projeto Plantar é renascer

Palavras-chave arborização; doação de mudas; palestras

Ponto forte a partir dos resultados obtidos na primeira fase do projeto, houve a percepção de que o sucesso do projeto está na construção coletiva

Notando a degradação provocada pelo desmatamento na região, o diretor da escola resolveu tomar uma atitude. “Não havia muitas árvores. A cidade era muito quente e faltavam planos de arborização”, lembra. Envolvendo docentes e discentes, passou a plantar, num viveiro da escola, mudas de espécies nativas do cerrado goiano, para distribuição. Em 2002, foram doadas 1.000 mudas. No ano seguinte, 4.000.

Longe de ter resolvido o problema, a comunidade escolar levou um choque de realidade. Depois de percorrer a cidade, alunos e professores descobriram que nem todos os moradores plantaram as mudas ou estavam cuidando delas corretamente. “A maioria das pessoas que procura-

vam a escola solicitando mudas doava para alguém de fora, plantava na fazenda sem planejamento ou não morava na cidade”, lembra o diretor.

Essa aula prática inquietou estudantes e professores. Todos ficaram frustrados com a falta de resultados. Foram três anos praticamente perdidos. Novamente o diretor e sua equipe entraram em cena, reunindo os educandos e pedindo sugestões. Nascia o projeto “Plantar é renascer”. A atividade deixou de ser uma simples doação de mudas para virar um plano de arborização da cidade, com reflexos no aprendizado dos alunos e na vida da população.

Na escola, o projeto abrange várias disciplinas: matemática (gráficos sobre o desenvolvimento das mudas), geografia (estudo do espaço urbano e do ambiente), ciências (estudo da fotossíntese), língua portuguesa (reportagem com os moradores, síntese das entrevistas e apresentação para comunidade), história (o processo de urbanização municipal), informática (pesquisas na internet), práticas agrícolas (a maneira adequada do plantio) e cidadania (o respeito ao ambiente).

Fora da escola, o projeto criou raízes, firmando parcerias com diversas instituições, que garantiam apoio institucional. Hoje participam 140 estudantes da 5ª à 8ª série, com a missão audaciosa de atender os 34 bairros da cidade. Em 2005, foram atendidos 9 bairros.

Os alunos realizaram palestras sobre a importância da arborização, entre outras atividades, para conscientizar a população. Como resultado, 7.000 mudas haviam sido plantadas até o final de 2005. E o sonho continua crescendo.

Plantando cidadania

Crianças com iniciativa, com disposição a ajudar os pais no cultivo das hortas familiares e, sobretudo, mais socialmente conscientes. Esse é o resultado do projeto “As sementes do futuro”, da escola Felício Bastos, de Miguel Pereira (RJ).

Cidade Miguel Pereira (RJ)

Nome da escola Felício Bastos

Rede Municipal

Projeto As sementes do futuro

Palavras-chave hortas familiares; preservação ambiental; plantio de mudas

Ponto forte a pertinência do tema à realidade das crianças, as atividades econômicas realizadas na zona rural

Por ser uma escola rural, já acontece rotineiramente a discussão sobre o ambiente. Além disso, muitas crianças ajudam os pais na lavoura, e é comum que levem para a sala de aula problemas do cotidiano. “Diante das dúvidas dos alunos, vi que podíamos incrementar nosso plano político-pedagógico”, conta a diretora da escola, que, em 2004, começou o projeto, com a participação de 20 alunos da 4ª série do ensino fundamental.

O projeto abrange tanto o trabalho em aula como a divulgação de ideais de preservação ambiental para a comunidade. Em todas as disciplinas, os estudantes aprendem conceitos, esclarecem dúvidas e trabalham questões relacionadas ao meio ambiente. Em português, por exemplo, a professora pede leitura e

redações sobre o tema. Em matemática, os problemas envolvem questões como a quantidade de sementes necessárias para plantar em determinada área. Em geografia, estuda-se topologia, tipos de solo, clima, desmatamento e a importância de conservar a natureza.

Depois, os conceitos são desenvolvidos na prática, com o plantio de mudas de diversas espécies, posteriormente doadas para reflorestamento em áreas degradadas. As sementes são coletadas em uma gincana ecológica.

O projeto ganhou asas e sensibilizou a Prefeitura de Miguel Pereira, que passou a fornecer transporte para levar os alunos da escola para outras instituições, todas localizadas na área urbana. Conseguiu-se, ainda, o fornecimento de materiais como enxadas, regadores e pás.

Com o projeto amadurecido, começou a troca de experiências com outras escolas da área urbana, e foram realizadas palestras de conscientização. “No início havia uma certa resistência por parte das crianças da área urbana. Elas não queriam trocar experiências. Mas o problema logo foi superado”, conta a diretora.

O que facilitou a aproximação entre os dois grupos foi a linguagem infantil. Os estudantes relataram tudo o que sabiam sobre meio ambiente com palavras próprias, sem decorar textos. Depois desse primeiro contato, passaram a fazer visitas periódicas às escolas da cidade para distribuir mudas e plantar espécies nativas.

Com o projeto, os educandos passaram a se preocupar mais com o ambiente. Em casa, o comportamento também mudou. Um levantamento feito com os pais mostrou que as crianças agora têm mais iniciativa e mais facilidade para fazer amizades, estão mais receptivas e ajudam o cultivo das hortas familiares.

O que é legal?

Mesmo lícitas, algumas drogas, como o tabaco e o álcool, fazem mal à saúde. Se são permitidas, o uso indiscriminado torna-se um problema de toda a sociedade. Pois a escola José Francisco de Moura, em Palhano (CE), resolveu encarar de frente a questão.

Cidade Palhano (CE)

Nome da escola José Francisco de Moura

Rede Estadual

Projeto Drogas lícitas - álcool e tabaco: Problema ou solução?

Palavras-chave álcool e tabaco; pesquisa; conscientização

Ponto forte o estudo interdisciplinar e contextualizado, baseado em uma inquietação social

Depois de perceber a movimentação dos bares do entorno da escola, a partir da hora do intervalo, os próprios alunos começaram a refletir sobre o assunto. Primeiro, pensando mais especificamente sobre o álcool. Depois, percebendo que o desafio poderia ser mais abrangente. Aí nasceu o projeto interdisciplinar “Drogas lícitas - álcool e tabaco: Problema ou solução?”, com o objetivo de ir além da reflexão e levar os estudantes a usar o tema como ferramenta pedagógica.

Primeiro os alunos assistiram a palestras com representantes do grupo Alcoólicos Anônimos do município e com representantes da Secretaria de Saúde da região. Com auxílio do professor, começaram a formatar o projeto, pensando

na justificativa, na metodologia que iriam aplicar e no modo de integrar a ação à educação. A partir do grupo inicial, outros estudantes foram se envolvendo.

Várias disciplinas abordam o assunto em suas áreas. Em português, textos e poesia sobre o tema; em biologia, o efeito das drogas lícitas no organismo e no sistema nervoso; em química, a composição das drogas; em matemática, o cálculo de quanto se gasta com essas drogas. Artes, filosofia e sociologia... nenhuma área do conhecimento deixou de ser integrada no trabalho.

Os resultados devem acompanhar os estudantes pelo resto da vida. Despertaram a curiosidade e o interesse pelo estudo contextualizado de temáticas atuais, levando os alunos a fazer pesquisas e a sistematizar as informações obtidas. O assunto estudado foi difundido pela comunidade escolar e local, alertando para os perigos do álcool e do fumo. Pelo conteúdo trabalhado em várias frentes, os estudantes puderam rever suas atitudes e tomar decisões adequadas ao bem-estar físico, mental e social. Uma verdadeira injeção de consciência.

Era uma vez... será?

“E viveram felizes para sempre...” Esse final típico dos contos de fadas soa como um sonho impossível para alguns jovens de camadas desfavorecidas, que confrontam seus sonhos com a realidade cotidiana. Percebendo a dureza desse confronto, a escola Monsenhor Vicente Freitas, em Pombal (PB), começou a desenvolver o projeto “Toque de fada”.

Cidade Pombal (PB)

Nome da escola Monsenhor Vicente Freitas

Rede Estadual

Projeto Toque de fada

Palavras-chave oficinas; leitura; dramatização

Ponto forte por meio da leitura, alunos voluntários ajudam a reconstruir o imaginário de crianças em situação de vulnerabilidade social

Pela iniciativa, três turmas do ensino médio participam de atividades solidárias com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social atendidas no Nacap (Núcleo de Apoio à Criança e ao Adolescente de Pombal). O foco é a leitura.

A partir da interpretação dos encantos e desencantos dos contos de fadas, as turmas buscam reconstruir o universo dessas crianças e adolescentes, reforçando valores e mostrando que mesmo as mais difíceis realidades não são definitivas: sempre é possível mudar.

O grupo foi formado por 102 alunos e 5 professores de história, literatura, biologia, artes e matemática, bem como por um supervisor, uma psicóloga e parceiros. As atividades, realizadas no Nacap e na escola, incluem projetos didáticos, palestras, apresentação de vídeos, rodas de leitura, teatro, oficinas de artes e reuniões com as famílias, entre outras.

A escola procura nunca perder de vista a integração entre a prática social e os temas tratados em sala de aula. As rodas de leitura e dramatização, por exemplo, são trabalhadas com os professores de artes e literatura.

Os resultados são muito positivos. Verificam-se atitudes de compreensão, tolerância e respeito por si e pelo outro, além das constantes descobertas pessoais, tanto para os alunos como para as crianças e adolescentes do Nacap.

Os verdadeiros donos do apito

Os chamados “três erres” – reciclar, reutilizar, reduzir – se tornaram uma das principais bandeiras ecológicas do século XXI, verdadeiro consenso entre cientistas e ambientalistas. Essa causa vem ganhando muitos parceiros, entre eles os participantes do projeto “Você apita”, da escola Alcides Mendes da Silva, em Porteirinha (MG).

Cidade Porteirinha (MG)

Nome da escola Alcides Mendes da Silva

Rede Estadual

Projeto Você apita

Palavras-chave conscientização; reciclagem de lixo; preservação

Ponto forte trouxe à tona a discussão sobre problemas ambientais, desde o âmbito escolar até o municipal

A idéia nasceu da professora de história do ensino fundamental, que conheceu e acreditou na proposta de um material pedagógico de incentivo a projetos de cidadania promovido por uma montadora de automóveis. A partir dessa inspiração ela propôs algo parecido em sua escola para alunos de 5ª e 6ª série, na área de meio ambiente.

Outros professores aderiram e, entre uma aula e outra, docentes e alunos começaram a pensar uma ação que chamasse a atenção dos demais estudantes. Decidiram deixar a escola sem faxina por dois dias, tudo em acordo com a direção. No primeiro dia, as pessoas estranharam. No segundo, começaram as reclamações.

“Os alunos diziam que a escola não podia ficar assim, pois era referência na região”, lembra a professora.

A partir dos protestos, os alunos montaram grupos para traçar estratégias, alertar e orientar os demais estudantes. A ação cresceu e motivou calorosas discussões na escola. O começo do assunto sempre era com a pergunta: se não conseguimos manter nossa escola limpa, como queremos preservar a mata atlântica ou a Amazônia? “Tínhamos a preocupação de abordar fatos concretos e próximos aos alunos. Partíamos sempre do micro para o macro. Assim é mais fácil o processo de conscientização”, conta a docente.

Os trabalhos dentro da escola tomaram grandes proporções, e o grupo decidiu que as discussões poderiam ser estendidas para a comunidade. Professora e alunos se aproximaram dos moradores do bairro para falar sobre a importância da preservação do ambiente, inclusive concedendo entrevista na rádio comunitária local.

Não demorou e a discussão chegou à Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac). Ao saberem da ação, universitários da área de pedagogia se ofereceram para trabalhar como voluntários. Os universitários se incumbiram de ministrar palestras, coordenar dinâmicas e elaborar pesquisas junto à população. O levantamento foi realizado pelos educandos da Alcides Mendes da Silva.

Entre as questões estavam perguntas sobre a limpeza das ruas e a coleta de lixo. A população deu várias sugestões, entre elas melhorar a coleta seletiva, oferecer mais recursos para os garis, evitar animais soltos e colocar nas ruas recipientes adequados para cada tipo de lixo. O resultado da pesquisa foi encaminhado ao prefeito da cidade.

Balada consciente, balada do bem

Além de muita alegria e descontração, as baladas noturnas, não raro, acabam trazendo a perigosa combinação bebida-direção-velocidade. Despertar a consciência dos jovens para esse risco é uma das atividades que os alunos do Colégio Maria Imaculada, em Porto Alegre (RS), desenvolvem pelo “Centro de voluntariado Maria Imaculada”, que funciona desde 2003.

Cidade Porto Alegre (RS)

Nome da escola Colégio Maria Imaculada

Rede Particular

Projeto Centro de voluntariado Maria Imaculada

Palavras-chave álcool; trânsito; campanhas educativas

Ponto forte instituir um núcleo responsável pela coordenação de ações voluntárias

O projeto começou nas aulas de sociologia, em que o professor, que hoje também coordena o núcleo, propôs o tema “Somos todos protagonistas”. Cansados de apenas discutir a realidade e abalados por uma fatalidade – a morte de um colega num acidente de carro –, os jovens resolveram abraçar algumas causas que julgavam importantes.

Em parceria com a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, que trabalha com a redução de acidentes de trânsito e com a qualidade de vida dos jovens, os alunos voluntários, do ensino médio, começaram a planejar ações com o objetivo de conscientizar a população. Hoje, são

75 alunos permanentes, que dedicam cerca de três horas por semana ao voluntariado.

Uma das ações é o projeto “Vida urgente”, em que alunos vão a festas noturnas, mas, em vez de se divertirem, usam o tempo conversando com jovens de sua idade sobre os perigos da bebida alcoólica. “É muito mais eficaz quando um jovem escuta de outro, e não de um adulto, que bobo não é quem não bebe, mas quem arrisca perder a vida por causa da bebida”, conta o professor.

Outra iniciativa é a “Terça urgente”, quando alunos vão a semáforos da cidade conscientizar os motoristas sobre a redução de acidentes. Outro projeto, chamado “Dicas para uma vida urgente”, divulga cartas escritas pelos jovens sobre o cuidado e o respeito à vida. Há, ainda, um jornal trimestral e peças de teatro que abordam o mesmo tema.

O “Centro de voluntariado Maria Imaculada” é considerado um sucesso, além da educação para a solidariedade, devido à fidelização que tem alcançado. Cerca de 80% dos alunos continuam suas atividades após um ano. Até ex-alunos já participam, motivados pelos resultados atingidos e pelas experiências pessoais que viveram ao longo do projeto.

Plantando sonhos, colhendo realidade

“Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhante, para meu amor passar.” A idéia dessa popular quadrinha brasileira inspirou um projeto de transformação urbana em Rio Branco (AC). No projeto “Se essa praça fosse minha”, alunos e professores da Fundação Bradesco conseguiram sensibilizar o poder público local para transformar um terreno baldio – que servia como depósito de lixo e era palco de vandalismo – em espaço de lazer e convívio aberto a todos.

Cidade Rio Branco (AC)

Nome da escola Fundação Bradesco

Rede Particular

Projeto Se essa praça fosse minha

Áreas de atuação educação; meio ambiente

Palavras-chave lixo; conscientização; praça pública

Ponto forte o esforço da comunidade escolar foi fundamental para convencer o poder público a transformar um terreno baldio em praça

A iniciativa partiu de professores da 3ª da 4ª série do ensino fundamental. O primeiro passo do projeto foi a realização de uma série de atividades que conscientizassem os alunos e, ao mesmo tempo, permitissem o desenvolvimento de competências em diversas disciplinas.

Com o apoio da direção da escola, de educadores e de alguns pais, os estudantes visitaram o local, tiraram fotografias e fizeram desenhos. Nas aulas de português, escreveram textos de vários gêneros – bilhetes, cartas, poesias, crônicas e informativos. Em ciências, aproveitaram o material para estudar questões relativas à saúde e ao meio ambiente – os efeitos do lixo, por exemplo.

Como consequência natural, todos os envolvidos passaram a refletir sobre os problemas existentes no bairro e a sensibilizar a comunidade para a conservação da área. Como ainda faltava um resultado mais efetivo, a escola entregou à Prefeitura de Rio Branco um ofício e um dossiê com o material produzido. Os esforços foram bem-sucedidos. Atendendo à solicitação, a prefeitura construiu no local uma praça, chamada Israel Lira, que resultou numa parceria entre o poder público e a escola para a limpeza e a manutenção da área, mediante mutirões e campanhas educativas.

Com o projeto, os alunos do colégio passaram a plantar árvores durante as aulas de educação ambiental. Quando as mudas crescem, são replantadas na praça, aonde estudantes e professores vão duas ou três vezes por semana. Agora, como nos versos, a praça brilha.

Jovem que faz

Na periferia de Salvador (BA), como em qualquer metrópole brasileira, altos índices de violência são alimentados também pelas poucas oportunidades de educação, lazer e cultura. É nesse contexto que o colégio Renan Baleeiro começou a desenvolver o projeto “Corre beco”, com o objetivo de promover a cidadania e resgatar a auto-estima dos envolvidos. Alunos e ex-alunos do ensino médio participam das ações.

Cidade Salvador (BA)

Nome da escola Renan Baleeiro

Rede Estadual

Projeto Corre beco

Palavras-chave cidadania; auto-estima; mobilização

Ponto forte o voluntariado deu novo ânimo aos estudantes, que passaram a se interessar mais pela escola

Professores e estudantes já levaram a vários pontos de Salvador informações sobre reciclagem e sobre a importância da prevenção de DSTs, entre outros temas. Atuam, por exemplo, como multiplicadores do Cradis (Centro de Referência do Adolescente Isabel Souto).

O projeto mais recente é fruto da mobilização dos alunos, que, por iniciativa própria, se organizaram para ministrar oficinas de grafite, maculelê, hip hop e capoeira. Outras iniciativas são contextualizadas em sala de aula, nas aulas de ciências, história e artes. É o caso do incentivo à doação de sangue, que motiva um projeto interdisciplinar e conta com a parceria do Centro de Hematologia da Bahia.

O colégio mostra como é possível elaborar projetos de intervenção orgânicos, baseados no protagonismo juvenil, que promovem a transformação dos alunos e do meio em que a escola está inserida. O espaço para atitudes positivas dos jovens já faz perceber um maior interesse deles pela escola e o retorno de muitos alunos evadidos, alguns deles no caminho da marginalidade.



O coletivo da saúde

Direção, professores, alunos e pessoal de apoio do Grupo Escolar Valdete Dorea perceberam, ao participar conjuntamente da elaboração de um projeto socioeducativo, como a soma de saberes traz resultados positivos. Lá eles desenvolveram um amplo projeto com o objetivo de levar à comunidade escolar e à sociedade em geral informações sobre higiene bucal e corporal, plantas medicinais e vitaminas, agrotóxicos, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, sexualidade na adolescência e esportes.

Cidade Tomar do Geru (SE)

Nome da escola Valdete Dorea

Rede Municipal

Projeto Mostra da saúde

Palavras-chave informação; saúde; comunidade

Ponto forte valorizou os saberes de alunos e voluntários, em um esforço conjunto de orientação para a saúde

A primeira etapa desse projeto, denominado “Mostra de saúde”, contou com o tratamento dos temas durante as aulas – cada sala ficou responsável por um tema. Depois do período de elaboração de conteúdo e esclarecimento de dúvidas, a escola abriu-se para a comunidade, com exposições de trabalhos nos períodos diurno e noturno, evento que foi divulgado pela cidade por meio de convites escritos, carro de som e faixas.

Para que todas as informações fossem disseminadas com qualidade, a escola recebeu a ajuda de voluntários, por exemplo um médico, enfermeiras e agentes de saúde – equipe de saúde que realizou consultas e distribuiu panfletos informativos, preservativos e alguns medicamentos.

Também compareceram agentes da dengue, que passaram informações sobre o mosquito transmissor, um técnico do Departamento Estadual de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe, responsável pelos dados sobre o uso inadequado de agrotóxico, e técnicos da Companhia de Saneamento de Sergipe, que falaram sobre a qualidade da água.

Finalmente, se dispuseram a doar tempo, trabalho e talento quatro cabeleireiros, que cortaram o cabelo de mais de 40 crianças, e uma academia de ginástica, que emprestou aparelhos e forneceu orientações de como usá-los. Por fim, foram distribuídas cestas básicas para famílias carentes.

O evento contou com a visita de mais de 1.400 pessoas. Segundo os docentes da escola, foi uma ótima oportunidade de conscientização sobre aspectos da saúde e integração entre escola e comunidade.

Volta pela vida

Tudo começou quando os alunos do Ciep 299 Julio Caruso, de Volta Redonda (RJ), pediram para levar seus brinquedos prediletos, em uma atividade escolar. Muitos apareceram com bicicletas. Essa grande preferência pelas “magrelas” não passou despercebida pela professora de educação física, que propôs um passeio ciclístico.

Cidade Volta Redonda (RJ)

Nome da escola Ciep 299 Julio Caruso

Rede Estadual

Projeto Pedalar para não poluir

Palavras-chave trânsito; meio ambiente; atividade física

Ponto forte idéia que, apesar de pontual, se propôs a cumprir metas realistas em áreas distintas

Mais do que levar os alunos a conhecer o bairro, o objetivo do projeto “Pedalar para não poluir” era trabalhar com quatro conteúdos didáticos: cidadania, meio ambiente, leis de trânsito e atividade física. De uma só vez, seria possível desenvolver a coordenação motora, o equilíbrio, a noção espacial e a postura, incentivar o uso da bicicleta como meio de transporte e compreender a necessidade de respeitar os direitos do ciclista.

Os pais foram comunicados e convidados a participar do evento, assim como a comunidade e a Guarda Municipal. A escola procurou parceiros e conseguiu apoio do Clube Bike Adventure, da Feema (Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente) e da Suser (Superintendência de Serviços Rodoviários).

Antes do passeio, em aula, os professores trabalharam com os alunos os conceitos envolvidos. Participaram docentes de diversas disciplinas. “Cada um aproveitou o gancho do evento para aprofundar os conteúdos em sala de aula”, conta a professora de educação física. Os estudantes aprenderam, por exemplo, a história da bicicleta, modalidades esportivas que a envolvem – como ciclismo e triatlo – e como deve ser o aquecimento e o alongamento antes das atividades físicas.

O passeio aconteceu na data combinada. Crianças e adultos percorreram diferentes bairros em suas bicicletas. Durante o evento, pararam algumas vezes para receber orientação da Guarda Municipal, sobre noções de trânsito, e dos professores de ciências, que aproveitaram o cenário natural para mostrar plantas e árvores e falar da importância de preservar o meio ambiente. Com o sucesso da iniciativa, outros passeios já foram programados voluntariamente.

Índice por cidade e escola

Adolfo (SP) – Professora Ruth dos Reis.....	56
Água Doce do Norte (ES) – Sebastião Coimbra Elizeu	40
Araxá (MG) – Eunice Weaver	57
Bela Cruz (CE) – Bela Cruz.....	41
Belo Horizonte (MG) – Colégio Marista Dom Silvério	10
Belo Horizonte (MG) – Florestan Fernandes	42
Boa Vista (RR) – Princesa Isabel	58
Brasília (DF) – Centro de Ensino Médio EIT.....	43
Campo Grande (MS) – Pedro Chaves dos Santos.....	11
Campo Maior (PI) – Mariema Paz.....	59
Carapicuíba (SP) – Padre Antônio de Oliveira Godinho.....	12
Ceres (GO) – Escola Agrotécnica Federal de Ceres	13
Cordilheira Alta (SC) – Cordilheira Alta	14
Cornélio Procópio (PR) – Centro Federal de Educação Tecnológica	15
Coronel Fabriciano (MG) – Sebrae Escola Técnica de Formação Gerencial.....	16
Cruz Alta (RS) – Professora Maria Bandarra Westphalen	44
Curitiba (PR) – João Bettge	45
Encantado (RS) – Colégio Mário Quintana - Cenecista.....	17
Espumoso (RS) – Guerino Cavalli.....	46
Farias Brito (CE) – Evaldo Gonçalves de Pinho	60
Garça (SP) – Hilmar Machado de Oliveira	18
Guaxupé (MG) – Wagner Ribeiro Macedo	19
Ibotirama (BA) – Marechal Castelo Branco.....	20
Icapuí (CE) – Professor Gabriel Epifânio dos Reis.....	61
Itajaí (SC) – Colégio Salesiano Itajaí.....	21
Jussara (GO) – Escola Agrícola Comendador João Marchesi.....	62
Manaus (AM) – Centro de Assistência ao Desenvolvimento da Formação Profissional	22
Miguel Pereira (RJ) – Felício Bastos	63
Miranorte (TO) – Nossa Senhora da Providência	47
Natal (RN) – Professora Olda Marinho	23
Oriximiná (PA) – Iracema Givoni.....	24
Palhano (CE) – José Francisco de Moura	64
Petrolina (PE) – Padre Manoel de Paiva Netto	48
Piaçabuçu (AL) – Coronel Pedro de Goes	25
Planalto (BA) – Centro Educacional de Planalto.....	49
Pombal (PB) – Monsenhor Vicente Freitas	65
Ponta Grossa (PR) – Colégio Pontagrossense	50
Porteirinha (MG) – Alcides Mendes da Silva	66
Porto Alegre (RS) – Colégio Maria Imaculada	67
Porto Velho (RO) – Colégio Pitágoras	26
Praia Grande (SP) – Anahy Navarro Trovão	51
Rio Branco (AC) – Fundação Bradesco.....	68
Rio de Janeiro (RJ) – A. Liessin Scholem Aleichem	27
Rio de Janeiro (RJ) – Prefeito Mendes de Moraes	28
Salvador (BA) – Renan Baleeiro.....	69
Salvador (BA) – Professora Maria Anita.....	52
Santarém (PA) – Diocesana São Francisco.....	29
São Paulo (SP) – Colégio das Américas	30
São Paulo (SP) – Colégio Santa Cruz	31
São Paulo (SP) – ETE Carlos de Campos.....	32
São Paulo (SP) – Instituto Madre Mazzarello	33
São Paulo (SP) – Professora Vera Lucia Aparecida Ribeiro	53
Serra Negra (SP) – Professora Maria do Carmo de Godoy Ramos	34
Tangará da Serra (MT) – Associação Tangaraense de Educação e Cultura	35
Tartarugalzinho (AP) – Professor Maria José de Nazaré F. Lima.....	54
Timon (MA) – Projeto Educacional Mãos Dadas	36
Tomar do Geru (SE) – Valdete Dorea.....	70
Triunfo (PE) – Monsenhor Luís Sampaio.....	37
Vitória da Conquista (BA) – Educandário Juvêncio Terra	38
Volta Redonda (RJ) – Ciep 299 Julio Caruso	71